

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ANCHIETA

NA

CAPITANIA DE SÃO VICENTE,

(Premio "Capistrano de Abreu" de 1928)

922
539
EDIÇÃO

DA

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

1929

Separata do Tomo 105, Vol. 159
(1º de 1929) da *Revista do Instituto Historico
e Geographico Brasileiro*

Nesta edição não foi mantida a orthographia dos originaes.

INTRODUÇÃO

A difficuldade da these é evidente. Si a rhetorica entre nós tem usado e abusado de José de Anchieta como thema para tiradas de effeito facil e certo, a história ainda não desvendou e estudou, em todos os seus aspectos, a obra do jesuita naquelle quasi meio seculo de apostolado pelo Brasil-colonia. De modo que a melhor fonte de informações sôbre o canarino é ainda hoje a que fornecem os seus biographos seiscentistas e os que nelles se inspiraram, muitas vezes contraditorios e lacunosos, bem mais preocupados em resaltar a figura lendaria do sancto que a veridica e terrena do homem. A maior parte dos livros de Pero Rodrigues, Sebastião Beretário, Longaro Degli Oddi, Simão de Vasconcellos, Charles Sainte-Foy, Antonio Franco e outros é com effeito dedicada aos milagres attribuidos ao canarino.

Por outro lado, a Companhia de Jesus guarda avaramente nos seus archivos de Roma os documentos — cartas, aponctamentos e escriptos varios, — sem os quaes é impossivel reconstituir, com fidelidade, e julgar com segurança, a obra realizada pelos jesuitas no Brasil dos primeiros annos. Inutilmente appellará para ella o profano de bôa vontade á cata de subsidios.

Assim, a historia das fundações ignacinas na época da colonização tem sido feita aos boccados, com documentos que o acaso ou o dinheiro consegue descobrir de tempos

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
647	3-9-51

em tempos nas estantes das bibliothecas ou no balcão dos colleccionadores.

As contribuições de Valle Cabral, Capistrano, Rodolpho Garcia, dos conferencistas que commemoraram em São Paulo o tri-centenario da morte de Anchieta e dos que incidentalmente têm abordado o assumpto, em que se enquadra o thema da these (e algumas são valiosissimas), não puderam deixar de lutar contra essa carência de dados positivos acêrca das missões jesuiticas, sobretudo das que se seguiram á descoberta. Muita cousa ficou por esclarecer. E ficará enquanto não se vulgarizar o que ainda está occulto ou esquecido em Evora, em Coimbra, em Lisboa, em Roma, nesses e outros depositos de informação brasileira.

Dentro dos limites de uma these não é possível tambem abordar questões, que a ella intimamente não se prendem, ou ao menos explana-las com o vagar que merecem, sem quebra da unidade do trabalho. A attitude dos jesuitas deante de Ramalho, por exemplo, só por si demandaria largo tempo de investigação e de estudo.

Limitando á capitania de São Vicente a acção de Anchieta, o thema proposto cria ainda este embarço, que é immenso: a analyse de uma obra não através de seu agente principal, mas de quem foi até certo ponto simples instrumento de uma vontade superior, que tudo planejava, previa e em grande parte tambem executava. José de Anchieta, de facto, em Piratininga primeiro e depois em São Vicente e no Rio de Janeiro, não foi sinão até 1569 um auxiliar de Manuel da Nobrega. Auxiliar poderoso sem duvida e, por isso, mesmo predilecto. Mas sempre auxiliar, agindo quando a mandado e nunca por deliberação propria.

Si outras provas não existissem, robustas e eternas, da extraordinaria visão de Capistrano de Abreu em assumptos de historia, bastaria para evidencia-la a confissão feita a um de seus discipulos mais illustres — de que quanto mais estudava Anchieta mais admirava Nobrega. Nenhuma verdade e nenhuma justiça jamais se expressaram com tamanho vigôr. Porque Anchieta sem Nobrega perde deante da historia quasi todo o interesse que provoca. Isola-lo é diminui-lo.

Simples ermão até 1565, a humildade natural nelle encontrou na obediencia a sombra desejada. E não foi dos menores méritos de Nobrega, *trôpego, gago, ignorante do falar indigena*, tirar dessa mansidão infinita toda a fôrça que continha. Obedecendo ao Barcluê na fundação de São Paulo, na missão a Iperoig, na povoação do Rio de Janeiro, o canarino prestou, no espaço de quatorze annos, os maiores serviços dos quarenta e quatro vividos sem descanso entre os brasis.

O estudo de sua acção em São Vicente está assim indissolvelmente ligado ao do vulto extraordinario que a provocou e orientou. E não é de extranhar que a narração desse periodo de sua vida constitúa no fundo o elogio de Nobrega.

E' verdade que a obra do primeiro provincial no sul da colonia talvez não assumisse as proporções que assumiu, si lhe tivesse faltado o auxilio do canarino. Os dous jesuitas se completavam: a piedade do subalterno valorizava o engenho do superior.

O que se vai ler são meros aponctamentos incompletos (exigindo ainda verificação rigorosa) para um ensaio futuro. Anchieta fôrça, mais do que a curiosidade, a devoção dos filhos da terra, cuja infancia elle pageou. Não ha fugir, mesmo numa época em que a preocupação do instante que passa e do instante que vem é um mandamento indiscutivel, á attracção daquella fragilidade operando prodigios onde tudo era fôrça bruta e inculta, sertão sem govêrno, homens sem lei.

BIBLIOGRAPHIA

A

JOSEPH DE ANCHIETA — *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra. 1595. Leipzig, 1874 (edição de Julio Platzmann).

ANCHIETA — *Grammatica der Brasilianischen Sprache*. Leipzig. 1874 (edição de Julio Platzmann).

JOSEPHO DE ANCHIETA — *Poema Marianum*. Tenerife. 1887.

ANCHIETA — *Epistola quam plurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii*, etc. Olisipone. 1799 (publicação de Toledo Lara Ordonhez).

JOSÉ DE ANCHIETA — *Carta fazendo a descripção das innumerables cousas naturaes que se encontram na provincia de São Vicente*, etc. São Paulo. 1900 (tradução de João Vieira de Almeida, com prefacio do dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo).

JOSEPH DE ANCHIETA — *Informações e Fragmentos Historicos*. Rio de Janeiro. 1886 (com uma introdução e notas por J. Capistrano de Abreu).

ANCHIETA — *Cartas en Copia de unas cartas de algunos padres y hermanos de la Compañia de Jesus*, etc. Lisboa. 1555 (publicadas por Juan Alvares).

JOSEPH — *Capitulos de uma carta de Maio de 1560, e cópia de outra, de Julho de 1561, em Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo*, etc. Venetia. 1562.

JOSEPH — *Carta de São Vicente, a 15 de Maio de 1555, em Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo*, etc. Venetia. 1559.

JOSEPH DE ANCHIETA — *Carta ao padre mestre Diogo Lainez, de São Vicente, a 16 de Abril de 1563. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 2º, pag. 538. *Carta ao provincial Jacomo Martins, da Bahia, Julho de 1565. Idem*, tomo 3º, pag. 248; *Sermão. Idem*, tomo 54; *Informações dos casamentos dos indios do Brasil. Idem*, tomo 9º, pag. 254.

JOSÉ DE ANCHIETA — *Cartas nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, tomos 1º, 2º, 3º e 19º.

JOSÉ DE ANCHIETA — *Cartas nos Annaes do Museu Paulista*, tomo 3º, I, 1927.

JOSÉ DE ANCHIETA — *Trechos esparsos no 1º volume da Collecção dos Classicos Brasileiros. Edição do Anuario do Brasil. Rio de Janeiro.*

B

PADRE PEDRO RODRIGUES — *Vida e milagres do padre José de Anchieta. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, tomos 19 e 29.

SEBASTIANO BERETÁRIO — *Josephi Anchietae Societatis Jesu Sacerdotis in Brasilia defuncti Vita. Lugduni. 1617. Coloniae Agrippinae. 1617 (Carayon diz 1627).*

SEBASTIANO BERETÁRIO — *La Vie Merveilleuse du P. Joseph Anchieta. Douay. 1619.*

SEBASTIANO BERETÁRIO — *Vita del P. Gioseppo Anchieta. Torino. 1621.*

P. ESTEVAM DE PATERMINA — *Vida del Padre Joseph de Anchieta. Salamanca. 1618; traducção italiana. Messina, 1639.*

P. SCIPIONE SGAMBATA — *Elogio del P. Giuseppe Anchieta della Compagnia di Giesù. Napoli. 1631.*

Breve elogio del P. Gioseffo Ancete della Compagnia di Giesù. Napoli. 1624.

Eloge du P. Joseph Anchieta de la Compagnie de Jésus. Pariz. 1625.

Vita del Padre Giusèppe Anchieta della C. de G., Bologna 1670.

The Lives of Father Joseph Anchieta of the Society of Jesus. London. 1849.

GIOVANNI BATTISTA ASTRIA S. J. — *Vita del Padre Gioseffo Anchieta della Compagnia di Giesù. Bologna. 1643; Bologna. 1658; Bologna. 1691; Bologna. 1709; Napoli. 1852.*

MANOEL MONTEYRO S. J. — *Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta. Lisboa. 1660.*

SIMÃO DE VASCONCELLOS S. J. — *Vida do Veneravel José de Anchieta da Companhia de Jesus. Lisboa. 1672.*

DON BALTASAR DE ANCHIETA — *Compendio de la vida de el apóstol de el Brasil. Xerez de la Frontera. 1677.*

P. LONGARO DEGLI ODDI — *Della vita del Ven. Servo di Dio P. Giuseppe Anchieta. Roma. 1738. Roma. 1770. Torino. 1824.*

Vita del venerabile P. Giuseppe Anchieta. Monza, dous volumes, 1877.

P. FRANCISCO DE ALMEYDA — *Orpheus Brasilicus, sive eximius Elementaris mundi, etc. Ulysipone. 1737.*

P. ADRIANO DE BOULOGNE — *Epigrammatum libri tres. Tornaci. 1642.*

CH. DE SAINTE-FOY — *Vie du Vénérable Joseph de Anchieta de la Compagnie de Jésus. Tournay. 1858. Traducção portugueza, São Paulo, 1878; Niterói, 1922.*

P. ANTONIO FRANCO — *Vida do Admiravel Padre José de Anchieta. Rio de Janeiro. 1898.*

José de Anchieta (sua vida e suas obras). Volume 1º da Galeria dos Grandes Homens. 1ª serie, organizada sob a direcção do professor Alvaro Guerra. São Paulo. 1922.

J. M. PEREIRA DA SILVA — *Os varões illustres do Brasil. Pariz, dous volumes, 1858.*

Centenario do padre Joseph de Anchieta. Conferencias do arceediago FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES, EDUARDO PRADO, BRASÍLIO MACHADO, THEODORO SAMPAIO, P. AMÉRICO DE NOVAES, JOÃO MONTEIRO, corego MANOEL VICENTE DA SILVA e JOAQUIM NABUCO. Pariz. 1900.

VOX VERITATIS — *Anchieta — O carrasco de Bolés á luz da historia patria. São Paulo. 1896.*

J. A. TEIXEIRA DE MELLO — *José de Anchieta — Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, tomos 1º e 2º.

IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA — *O jesuita José de Anchieta. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brasil. tomo 7º, pag. 551.*

EUCLYDES DA CUNHA — *Contrastes e Confrontos*. Porto. 1907.

J. CAPISTRANO DE ABREU — *José de Anchieta*. Artigo publicado no *O Jornal do Rio de Janeiro*, numero dedicado ao Estado do Espirito Sancto. 1927.

PAULO PRADO, AFFONSO D'E. TAUNAY, MARIO DE ANDRADE, A. C. COUTO DE BARROS, ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO, e outros — discursos e artigos no *Terra Rôxa e outras terras*. São Paulo, numero de 29 de Abril de 1926.

Sacra Rituum Congregatione Emo. & Remo, Dño Card. Imperiali Brasilien, seu Bahyen Beatificationis, & Canonisationis Ven. Servi Dei P. Joseph de Anchieta, etc. Romæ. 1735.

Petição do Episcopado Brasileiro para beatificação do Veneravel padre José de Anchieta. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo 3º, pag. 238.

C

P. MANOEL DA NOBREGA — *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro, 1886 (com uma introdução e notas por A. do Valle Cabral e a biographia de Nobrega pelo padre Antonio França).

P. MANOEL DA NOBREGA — *Dialogo sobre a conversão do gentio. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 43, 1ª parte, pag. 183.

LEONARDO NUNES — *Carta de São Vicente. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 4º, pag. 224.

ANTONIO BLASQUEZ — *Carta da Bahia, 10 de Junho de 1557. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 5º, pag. 214.

ANTONIO BLASQUEZ — *Cartas. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 49, parte 1ª, pag. 1.

Carta ao padre dr. Torres, por commissão do padre Braz Lourenço (Espirito Sancto, 10 de Junho de 1562). *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 2º, pag. 418.

ANTONIO PIRES — Carta aos ermãos da Companhia, de Pernambuco, 2 de Agosto de 1551. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 6º, pag. 95.

AFFONSO BRAZ — Carta do Espirito Sancto, 1551. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 6º, pag. 441.

D

Historia dos Collegios do Brasil. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tomo 19, pag. 75.

SIMÃO DE VASCONCELLOS S. J. — *Cronica da Companhia de Jesus*. Lisbôa, 1663. Rio de Janeiro, 1664. Lisbôa, dous volumes, 1865.

SIMÃO DE VASCONCELLOS S. J. — *Vida do P. Joam D'Almeida*. Lisbôa. 1658.

P. QUESNEL — *Histoire des Religieux de la Compagnie de Jésus*. Soleure. 1740.

TANNER — *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitæ profusionem militans, etc.* Pragæ. 1675.

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL — *Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil*. Dous volumes. Maranhão. 1874.

A. J. MELLO MORAES — *Historia dos Jesuitas*. Dous volumes. Rio de Janeiro. 1872.

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO — *Ensaio sobre os jesuitas. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 18, pag. 67.

Trabalhos dos primeiros jesuitas no Brasil. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; tomo 57, 1ª parte, pag. 203.

OVIDIO DA GAMA LOBO — *Os jesuitas perante a historia. Maranhão*. 1860.

P. PHILIPPO ALEGAMBE — *De vita, et morib. P. Joannis Cardim*. Romæ. 1645.

IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA — *O jesuita Manoel da Nobrega. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 7º, pag. 406.

E

GIOVANNI BOTERO — *Le relationi universali*. Brescia, 1595. Veneza, 1595, 1597, 1600, 1605, 1608. Turim, 1602. Bergamo, 1594. Edição espanhola, Valladolid, 1603; edição alemã, 1596.

ULRICO SCHMIDEL — *Vera historia admiradæ Cvivsdam Navigationibus, etc.* Noribergæ, 1599; edição alemã, Noribergæ, 1599. Noribergæ, 1602, Pariz, 1837.

AUGUSTE DE SAINTE-HILAIRE — *Voyage dans les provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*, 2 vols., Pariz. 1851.

F

ERMELINO DE LEÃO — *Vultos do Passado Paulista*. Curitiba. 1923.

F. A. DE VARNHAGEN — *Martim Affonso de Sousa*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 5°.

LEONCIO DO AMARAL GURGEL — *João Ramalho perante a historia*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 9°, pag. 444.

WASHINGTON LUIS — *O testamento de João Ramalho*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 9°, pag. 563.

THEODORO SAMPAIO, ORVILLE DERBY, ANTONIO PIZA e JOÃO MENDES DE ALMEIDA JUNIOR — *João Ramalho era analphabeto?* *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 7°, pag. 255.

MANOEL PEREIRA GUIMARÃES — *João Ramalho*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 7°, pag. 271.

FRANCISCO DE CAMPOS ANDRADE — *João Ramalho*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 4°, pag. 369.

J. C. GOMES RIBEIRO — *João Ramalho*. *Sua fé e sua nobreza*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 7°, pag. 421.

PAULO PRADO — *O Patriarcha*. Artigo no *O Estado de São Paulo*. 1928.

ALBERTO SOUSA — *Os Andradas*. Dous volumes. São Paulo. 1922.

G

P. FERNÃO CARDIM — *Narrativa epistolar de uma viagem* Rio de Janeiro. 1925 (anotações de Rodolpho Garcia).

P. FERNÃO CARDIM — *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia*, etc. Lisboa. 1847.

P. LUIZ GONZAGA CABRAL — *Jesuitas no Brasil*. São Paulo. 1925.

J. M. DE MADUREIRA S. J. — *A Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, 1924.

J. M. DE MADUREIRA S. J. — *A liberdade dos indios*. *A Companhia de Jesus*. *A sua pedagogia e seus resultados*. Vol. 4° do tomo especial relativo ao Primeiro Congresso Internacional da Historia da America, da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 1927.

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO — *Breves reflexões sobre o systema de catecheses seguido pelos jesuitas no Brasil*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 19, pag. 379.

DR. J. E. FREIRE DE CARVALHO FILHO — *Estabelecimento de um govêrno geral*. *Os primeiros jesuitas*. Tomo do *Primeiro Congresso de Historia Nacional* (1914), I, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

DR. ALFREDO DE ALMEIDA RUSSELL — *Os jesuitas*. *Papel que lhes coube no desbravamento do territorio nacional*. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do *Primeiro Congresso de Historia Nacional* (1914), II, pag. 251.

NELSON DE SENNA — *A contribuição ethnographica dos padres da Companhia de Jesus e dos chronistas leigos dos primeiros seculos*. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do *Primeiro Congresso de Historia Nacional* (1914), II, pag. 511.

BARÃO DE STUDART — *Jesuitas e jesuitismo*. Fortaleza. 1914.

J. P. CALOGERAS — *Os jesuitas e o ensino*. Rio de Janeiro. 1911.

H

GABRIEL SOARES DE SOUZA — *Tractado descriptivo do Brasil*. Rio de Janeiro, 1851. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 14).

PEDRO DE MAGALHÃES DE GANDAVO — *Historia da Provincia de Sancta Cruz*. Lisboa, 1576. Lisboa, 1858.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA — *Historia da America Portuguesa*. Lisboa, 1730. Lisboa, 1880. Rio de Janeiro, edição Garnier, sem data.

FREI VICENTE DO SALVADOR — *Historia do Brasil*. Rio de Janeiro, 1887. São Paulo, 1918. Revista e prefaciada por J. Capistrano de Abreu.

MANOEL AYRES DO CAZAL — *Chorographia do Brasil*. Rio de Janeiro, dous volumes, 1817. Rio de Janeiro, dous volumes, 1833. Rio de Janeiro, dous volumes, 1845.

Successos da Provincia de Sancta Cruz, Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, tomo 3º, pag. 125.

ROBERT SOUTHEY — *History of Brazil*. Tres volumes, 1810, London. Tres volumes, London, 1822. Traducção do dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, contendo notas do conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, seis volumes, Rio de Janeiro, 1862.

DAVID B. WARDEN — *Histoire de l'Empire du Brésil*. Dous volumes. Pariz. 1832.

VISCONDE DE PORTO SEGURO — *Historia geral do Brasil*. Dous volumes. Rio de Janeiro, 1854. Dous volumes, Rio de Janeiro, sem data. Rio de Janeiro, 1906 (edição revista por J. Capistrano de Abreu).

JOSÉ IGNACIO DE ABREU E LIMA — *Synopsis ou Deducção Chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil*. Pernambuco. 1845.

DAMASCENO VIEIRA — *Memorias Historicas Brasileiras*. Dous volumes. Bahia. 1903.

AVEZAC — *Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil*. Pariz. 1857.

ROCHA POMBO — *Historia do Brasil*. 10 volumes. Edição de J. da Silva Saraiva & Comp. Rio de Janeiro.

MAX FLEIUSS — *Historia administrativa do Brasil*. São Paulo. 1925.

GASTÃO RUCH STURZENECHEK — *Do Descobrimento á Proclamação da Independencia. Dictionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Volume 1º, pag. 763, 1922.

AUSTRICLIANO DE CARVALHO — *Brasil Colonia e Brasil Imperio*. Dous volumes. Rio de Janeiro, 1927.

J. CAPISTRANO DE ABREU — *Capitulos de Historia Colonial*. Rio de Janeiro, 1907. Rio de Janeiro, 1928.

ALFREDO MOREIRA PINTO — *Apontamentos para o Dictionario Geographico do Brasil*. Tres volumes. Rio de Janeiro. 1894.

J. A. TEIXEIRA DE MELLO — *Ephemerides nacionaes*. Dous volumes. Rio de Janeiro. 1881.

SYLVIO ROMÉRO — *Historia do Brasil ensinada pela biographia de seus heroes*. Rio de Janeiro. 1900.

BASILIO DE MAGALHÃES — *Expansão geographica do Brasil até fins do século XVII. Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do Primeiro Congresso de Historia Nacional (1914). II, pag. 27.

J. P. DE OLIVEIRA MARTINS — *O Brasil e as colonias portuguezas*. 2ª edição. Lisboa, 1881. 4ª edição. Lisboa, 1904.

I

Actas da Villa de Sancto André da Borda do Campo. São Paulo.

Actas da Camara da Villa de São Paulo. São Paulo.

Inventarios e Testamentos. São Paulo. 1920.

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS — *Memorias para a Historia da Capitania de São Vicente*. Lisboa, 1797. Rio de Janeiro, 1847. São Paulo, 1920 (com um estudo biographico e notas por Affonso d'E. Taunay).

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME — *Historia da Capitania de São Vicente*. São Paulo, sem data (com um esboço biographico por Affonso d'E. Taunay).

J. J. MACHADO D'OLIVEIRA — *Quadro Historico da Provincia de São Paulo*. São Paulo, 1864. São Paulo, 1897.

J. J. MACHADO D'OLIVEIRA — *Nota raciocinada sobre as aldeias de indios da Provincia de São Paulo. Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 8º, pag. 204.

ROCHA POMBO — *Historia de São Paulo*. São Paulo, 1918.

J. MENDES DE ALMEIDA — *A Capitania de São Vicente*. São Paulo, 1887.

J. MENDES DE ALMEIDA — *Dictionario Geographico da Provincia de São Paulo*. São Paulo, 1901.

MANOEL E. DE AZEVEDO MARQUES — *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de São Paulo*. São Paulo. Dous volumes. Rio de Janeiro. 1879.

JOSÉ JACYNTHO RIBEIRO — *Chronologia Paulista*. Dous volumes. São Paulo. 1899.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA JUNIOR — *Monographia do Municipio da cidade de São Paulo*. São Paulo. 1882.

BENEDICTO CALIXTO — *Capitanias Paulistas*. São Paulo. 1924.

BENEDICTO CALIXTO — *Os primitivos aldeamentos indígenas e índios mansos de Itanhaen*. *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, tomo 10, pag. 488.

PAULO PRADO — *Paulistica*. São Paulo, 1925.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *Na era das bandeiras*. Rio de Janeiro, 1920. São Paulo, 1922.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *São Paulo nos primeiros annos*. São Paulo, 1919.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *São Paulo no seculo XVI*. São Paulo, 1920.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *Historia Seiscentista da Villa de São Paulo*. São Paulo. Dous volumes.

AFFONSO D'E. TAUNAY — *Piratininga*. São Paulo.

AFFONSO A. DE FREITAS — *Tradições de reminiscencias paulistanas*. São Paulo, 1921.

EUGENIO DE CASTRO — *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa*. Dous volumes. Rio de Janeiro, 1927.

THEODORO SAMPAIO — *São Paulo de Piratininga no fim do seculo XVI*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 4º, pag. 257.

THEODORO SAMPAIO — *Os guayanãs da Capitania de São Vicente*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 8º, pag. 159.

THEODORO SAMPAIO — *A fundação da cidade de São Paulo*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 10, pag. 524.

THEODORO SAMPAIO — *Restauração historica da Villa de Sancto André da Borda do Campo*. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 9º, pag. 1.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA — *Qual foi o principal chefe tupi em Piratininga?* *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, tomo 7º, pag. 449.

JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON — *Memoria sobre as aldeias de índios da Provincia de São Paulo*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 4º.

BRASILIO MACHADO — *Maria Immaculada e o Brasil*. São Paulo, 1904.

J

CESAR AUGUSTO MARQUES — *Diccionario Historico, Geographico e Estatistico da Provincia do Espirito Sancto*. Rio de Janeiro, 1878.

BRAZ DA COSTA RUBIM — *Noticia chronologica dos factos mais notaveis da Historia da Provincia do Espirito Sancto*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 19, pag. 336.

ANTONIO DUARTE NUNES — *Do descobrimento e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 1º, pag. 110.

ANTONIO DUARTE NUNES — *Memorias do descobrimento e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 21, pag. 8.

Memorias do descobrimento e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 27, pag. 7.

DR. A. MORALES DE LOS RIOS — *Subsidios para a Historia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do Primeiro Congresso de Historia Nacional (1914), I, pag. 207.

JOSÉ DE SOUSA PIZARRO E ARAUJO — *Memorias historicas do Rio de Janeiro*. Nove volumes. Rio de Janeiro, 1820.

BALTHAZAR LISBÔA — *Annaes do Rio de Janeiro*. Sete volumes. Rio de Janeiro, 1834.

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO — *A França Antartica*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 22, pag. 3.

AUGUSTO FAUSTO DE SOUSA — *A bahia do Rio de Janeiro*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 44, 2ª parte, pag. 5.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA — *Memoria historica e documentada das aldeias de índios da Provincia do Rio de Janeiro*. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 17.

SYLVIO ROMERO — *Historia da litteratura brasileira*, Dous volumes. Rio de Janeiro, 1888.

JOSÉ VERISSIMO — *Historia da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro, 2º milheiro, 1916.

RONALD DE CARVALHO — *Pequena historia da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro, 1919. Rio de Janeiro, 1922. Rio de Janeiro, 1925.

EUGENIO VILHENA DE MORAES — *Qual a influencia dos jesuitas em nossas lettras?* *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do *Primeiro Congresso de Historia Nacional* (1914), V, pag. 633.

ALFREDO GOMES — *Historia Litteraria — Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, vol. 1º, pagina 1.297.

MUCIO DA PAIXÃO — *Do theatro no Brasil*. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo do *Primeiro Congresso de Historia Nacional* (1914), V, pag. 675.

MAX FLEUISS — *O theatro no Brasil. Sua evolução — Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, vol. 1º, pag. 1.532.

MELLO MORAES FILHO — *O theatro de Anchieta — Archivo do Districto Federal*, Março de 1897.

MELLO MORAES FILHO — *Parnaso Brasileiro*. Dous volumes. Rio de Janeiro. 1885.

GUILHERME MELLO — *A musica no Brasil — Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, vol. 1º, pagina 1.621.

VIDA DE ANCHIETA

José de Anchieta (1) nasceu em São Christovão da Laguna, cidade da ilha de Tenerife e então capital do archipelago das Canarias, a 19 de Março de 1534. Foi baptizado no dia 7 de Abril seguinte (2).

Seu pae, João de Anchieta, de familia nobre, espanhol biscainho de Urrestila, Castello de Hunquilla e provincia de Guipuzcoa, casou-se em Tenerife com Mencia Diaz de Clarijo y Llarena, tambem nobre, natural da Grã-Canaria e descendente de dom Fernando de Llarena, um dos primeiros conquistadores daquella ilha (Tenerife). José foi o terceiro dos dez filhos do casal.

Possuiam os Anchieta grande fortuna, no dizer da maioria dos auctores, accentuando Longaro degli Oddi que d. Mencia era senhora *egualmente ricca, che nobile*. (3)

(1) Petermina escreve Anchieta e Pereira da Silva Anchieta. Capistrano observa: *escrevia-se tambem Anxeta e Anxieta, o que fixa a pronuncia.*

(2) A proposito da data do nascimento e do baptizado de Anchieta sempre discordaram os auctores até pouco tempo atraz. Fiado em Pero Rodrigues, Sebastião Beretário data o nascimento de 1533, sem indicação do mez e dia. E como Beretário, o seu traductor Paternina, Simão de Vasconcellos (na *Chronica e na Vida*), Teixeira de Mello e Pereira da Silva. Longaro Degli Oddi diz 1534. Sainte-Foy dá a data do baptizado como sendo a do nascimento. Capistrano segue-o nesse ponto. Afinal, Brasílio Machado, apoiado em Balthazar de Anchieta, fixou a data exacta do nascimento em 19 de Março de 1534 e a do baptizado em 7 de Abril seguinte.

(3) *Eram seus paes de medianos haveres, diz Brasílio Machado*, não sabemos com que fundamento. Em geral, os chronistas nada dizem a respeito da fortuna dos Anchieta. E os poucos que a ella se referem (Simão de Vasconcellos, Degli Oddi, Sainte-Foy), affirmam ter sido dona Mencia senhora de grande riqueza.

Aprendidas em Tenerife as primeiras letras e já conhecedor do catecismo e da grammatica, José, em 1548, partiu em companhia de um irmão mais velho para Portugal, onde passou a cursar as aulas da Universidade de Coimbra. Grande estudioso de rhetorica e philosophia e grande crente, fez-se logo notado. Compunha com facilidade em prosa e verso e era conhecido pelo appellido de Canario (4).

Em 1 de Maio de 1551, entrou para a Companhia de Jesus como noviço da casa de Coimbra (5) e ahi viveu durante alguns mezes uma vida severa de ascetismo e ardor religioso. As dôres, que lhe atacavam o corpo cansado das longas orações e vigílias, e o accidente por essa época soffrido (uma escada lhe caíu violentamente sobre os rins) contribuíram para a doença que por espaço de quasi dous annos o abateu por completo.

Resolveu então o padre-mestre Simão Rodrigues de Azevedo envia-lo ao Brasil, fazendo parte do pequeno grupo de jesuitas que devia seguir com dom Duarte da Costa, nomeado segundo governador geral em substituição a Thomé de Sousa (6). Assim embarcou Anchieta em Lisboa a 8 de Maio de 1553, tendo por companheiros de missão os padres Luiz

(4) ...*tal era l'armonia, e dolcezza del suo comporre in versi latini, che in grazia di essi era chiamato il Canario, alludendo con grazioso escherzo e alla patria di lui, e agli angelletti di tal nome tanto celebri appresso tutti per la soavità del canto* (Longaro Degli Oddf).

(5) Insurgindo-se contra a "lenda imaginada pelos jesuitas para motivar a entrada de Joseph de Anchieta na sua sociedade", Pereira da Silva escreve que o canarino foi procurado pelo provincial Simão Rodrigues que "tractou de convence-lo que não podia seguir carreira mais proveitosa e gloriosa que a da Companhia de Jesus". Nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Si não foi um milagre, como insinuam os jesuitas, nada indica tenha sido tambem obra exclusiva da lãbia de Simão Rodrigues a entrada de Anchieta para a Companhia. Muito mais crível é que o proprio estudante, educado e crescido christãmente, sentindo a vehemencia de sua vocação religiosa, tivesse procurado o provincial e, obtida a necessaria licença, espontaneamente se fizesse noviço aos dezeseite annos de idade.

(6) O que determinou a vinda de Anchieta como a de Gregorio Serrão ao Brasil foi o estado precário de saude de ambos. A fama do bom clima brasileiro já havia desde muito chegado a Portugal e directamente ao proprio Simão Rodrigues, atravez das cartas de Nóbrega e seus companheiros. Na biographia que traçou de Serrão, escreveu Anchieta: "Teve depois disto Gregorio Serrão muitas enfermidades, e como lhe aproveitassem pouco os muitos remedios que se lhe faziam, por parecer dos medicos foi mandado quasi por incuravel ao Brasil." E em carta dirigida a Lainez pedia que enviasse ao Brasil "os mal-dispostos de Coimbra porque aqui se curariam com os trabalhos, e bondade da terra." Allás Pero Rodrigues affirma expressamente que "depois por conselho dos medicos, pareceu ao superior manda-lo a esta terra."

da Grã (incumbido de gerir a provincia do Brasil como collateral de Manuel da Nobrega), Braz Lourenço e Ambrosio Pires e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasquez Castelhano e Gregorio Serrão (7).

No dia 13 de Julho seguinte chegaram Duarte da Costa e os jesuitas á Bahia (8). Os religiosos foram recebidos na casa da Companhia pelo padre Salvador Rodrigues (logo depois fallecido) e irmãos Vicente Rodrigues e Domingos Pecorela. Nobrega se achava em São Vicente, de onde havia enviado o padre Leonardo Nunes em busca de *maior numero de obreiros*. Ao chegar á Bahia, Leonardo Nunes já encontrou Anchieta e os demais religiosos iniciados nos trabalhos da catechese, prégando e ensinando.

Da Bahia partiram em Outubro de 1553 os padres Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues (recem-ordenado), Braz Lourenço e tres irmãos, dous dos quaes eram Gregorio Serrão e José de Anchieta (9). Depois de surprehendidos nos Abrolhos por uma tempestade, durante a qual perderam as embarcações em que viajavam, Anchieta e Leonardo Nunes aportaram ao Espirito Sancto. Ahi ficou Braz Lourenço e embarcou Affonso Braz. A 24 de Dezembro chegaram afinal a São Vicente, onde os esperavam Manuel da Nobrega, Manuel de Paiva, Francisco Pires e os irmãos Antonio Rodrigues, Diogo Jacome, Matheus Nogueira, Manuel de Chaves, Pedro Corrêa, João de Sousa, Antonio de Sousa, Gaspar Lourenço, Fabiano de Lucena, Leonardo do Valle e Gonçalo Antonio Monteiro (10).

Com o reforço trazido por Leonardo Nunes, tractou Nobrega immediatamente da fundação da nova casa da Companhia, por elle planejada nos campos de Piratininga. Para esse fim, poucos dias depois, em Janeiro de 1554, passada a Epiphania, treze missionarios deixaram São Vicente: os

(7) Pereira da Silva erradamente menciona em 1558 a vinda de Duarte da Costa. E, segundo Sainte-Foy, eram oito e não sete os jesuitas que acompanharam o governador geral. Ha a notar ainda que o proprio Anchieta, na informação de 1584, omitta o nome do padre Ambrósio Pires.

(8) Capistrano, ao contrario dos demais auctores, data de 8 de Julho a chegada de Anchieta á Bahia.

(9) Nem os chronistas nem os documentos deixam adivinhar o nome do terceiro irmão que acompanhou Leonardo Nunes na sua volta a São Vicente.

(10) Na chronica de Simão de Vasconcellos, como já se observou, ha um erro de impressão no que se refere á data da chegada dos jesuitas a São Vicente, que ahi figura como tendo sido no dia 24 de Setembro. Inadvertidamente, Mello de Moraes, Teixeira de Mello e outros o repetiram.

padres Manuel de Paiva (como superior), Affonso Braz, Francisco Pires, Vicente Rodrigues e os irmãos José de Anchieta, Gregorio Serrão, Manuel de Chaves, Diogo Jacome, Leonardo do Valle, Pedro Corrêa, Matheus Nogueira, Antonio Rodrigues e João de Sousa (11). No dia 25, já galgada a serra e passada a villa de Sancto André, entre esta e a aldeia indígena de Piratininga, no alto de uma collina e *juncto a um rio caudal, 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro*, disseram os jesuitas a primeira missa na *pauperrima e estreitissima casinha* dedicada a São Paulo, cuja conversão o catholicismo commemora nesse dia.

Começou então verdadeiramente para José de Anchieta a sua vida de catechista. Foi-lhe confiada a regencia da escola de grammatica e humanidades (a segunda do Brasil), em que teve por discipulos os seus proprios companheiros de missão, a começar por Manuel de Paiva, bem como a gente branca, mamaluca e indígena da povoação nascente e das vizinhas. Ensinando latim aos brasis e aprendendo com elles a falla da terra, como diz Simão de Vasconcellos e repete Southey, iniciou os seus estudos da lingua geral. Ensinando e catechizando, em Piratininga permaneceu até 1561, data em que o collegio foi transferido para São Vicente (12).

(11) No cap. VIII da *Vida de Anchieta*, menciona Simão de Vasconcellos, como companheiros e discipulos do canarino no inicio da casa de São Paulo, os seguintes padres e irmãos: Manuel de Paiva, Affonso Braz, Manuel de Chaves, Leonardo do Valle, Pedro Corrêa, Gaspar Lourenço, Diogo Jácome, Vicente Rodrigues, Gregório Serrão, Braz Lourenço, João Gonçalves e Antonio Blasquez Castelhana. Quanto aos tres ultimos, confessa que não os encontrou citados nas notas de Anchieta. No entanto, "de escriptos antigos", deduziu serem os que incluíam na lista, "companheiros que tinham sido de suas viagens (de Anchieta), assim de Portugal á Bahia, como desta cidade a São Vicente". Ora, é o mesmo Simão de Vasconcellos quem na *Chronica* e tambem na *Vida* escreve que no Espirito Sancto os jesuitas que com Leonardo Nunes haviam partido da Bahia, deixaram Braz Lourenço e acolheram Affonso Braz. Por outro lado, Anchieta não se refere na carta de 1554 a Braz Lourenço, como tambem não se refere a Gaspar Lourenço, João Gonçalves e Antonio Blasquez Castelhana. E' verdade que fala num irmão Antonio. Mas o menciona como interprete dos indios. Não se tracta, portanto, de Blasquez Castelhana que, chegado ha pouco de Portugal, não podia ainda ter conhecimento da lingua brasilica o poncto de servir de interprete. Além disso, no dizer ainda de Simão de Vasconcellos, Castelhana se encontrava logo depois da sua vinda ao Brasil, em Porto Seguro, e Ambrosio Pires, a 15 de Junho de 1555, declarava que Blasquez o havia acompanhado dous annos antes na sua missão áquella capitania.

(12) Segundo Brasílio Machado, Anchieta em 1560 se fez missionario, indo catechizar os indios terra a dentro. Quería natural-

Em 1563, a 18 de Abril, partiu de São Vicente com Manuel da Nobrega ao encontro dos tamoios inimigos (13). Chegou a Iperoig a 4 de Maio. Em Junho Nobrega teve necessidade de voltar para São Vicente. E Anchieta ficou entre os indios como refem até 14 de Setembro, quando por sua vez tornou a São Vicente, onde desembarcou a 21 do mesmo mez (14).

Dous annos mais tarde, no dia 27 de Janeiro (15), seguiu da Bertioga para o Rio de Janeiro, a mandado de Nobrega e em companhia de Gonçalo de Oliveira, com as *nove canoas de mestiços e indios* que faziam parte da armada de Estacio de Sá, cujo fito era dar combate aos francezes que ainda se encontravam na bahia e, mancomunados com os tamoios, punham em sério perigo o dominio portuguez no Sul da colonia. Nos primeiros dias de Março estava Anchieta na barra do Rio á espera da nau capitanea. Demorando esta, visitou e acalmou os indios descontentes do Espirito Sancto e com a chegada de Estacio voltou ao Rio, desembarcand juncto ao Pão de Assucar.

Ahi só poude assistir aos primeiros combates, pois foi logo chamado á Bahia, afim de se ordenar padre. Por determinação de Nobrega, interrompeu a viagem no Espirito Sancto, onde visitou a casa da Companhia e as aldeias indígenas, prégando e tomando várias providencias em prol da catechese. Em principios de Setembro já se encontrava na Bahia acolhido no Collegio por Luis da Grã. Recebidas as ordens sacras das mãos de dom Pedro Leitão, na Bahia permaneceu até Novembro de 1566, quando voltou para o Sul com o bispo, o visitador Ignacio de Azevedo (chegado a 24 de Agosto), Luis da Grã, Antonio Rodrigues, Balthazar Fernandes e Antonio da Rocha. Vinham os religiosos em companhia de Men de Sá, a quem Anchieta fallara da necessidade de enviar uma armada ao Rio de Janeiro para pôr termo definitivo á lucta iniciada por Estacio e da conveniencia de fundar alli uma cidade.

mente o biographo referir-se á incursão feita pelo Anhembí em 1561 e destinada a combater certos indios contrarios localizados juncto ao rio, da qual fez parte Anchieta como interprete.

(13) Apoiado num trecho ambiguo da carta de Anchieta de 1565, Brasílio Machado fixa a partida de São Vicente em Maio de 64. Para Sainte-Foy, ella se deu em Maio de 63.

(14) Mello Moraes, confundindo annos com mezes, afirma que Anchieta permaneceu por um lustro em Iperoig.

(15) 20 de Janeiro diz Simão de Vasconcellos. Mas, 27 é o dia exacto, como se verifica da carta de Anchieta de Setembro de 65 escripta da Bahia a Jácome Martins.

A armada de Men de Sá entrou na bahia do Rio a 18 de Janeiro de 1567. Os jesuitas e o bispo Leitão, depois da morte de Estacio, ferido no combate que decidiu da victoria, seguiram viagem para São Vicente. Resolvida a fundação de um Collegio no Rio de Janeiro, para lá voltaram, em Julho, dom Pedro Leitão, Ignacio de Azevedo, Grã, Nobrega e Anchieta. A viagem foi logo no inicio interrompida na altura da Bertioga, onde os quatro jesuitas, tendo deixado a embarcação em que seguiam por uma canôa que os devia transportar á terra, afim de ahi celebrarem uma missa, foram perseguidos por uma baleia. Voltaram ao navio e no dia seguinte continuaram a velejar em demanda do Rio de Janeiro.

Men de Sá e seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, este feito substituto de Estacio, estavam entregues aos trabalhos de edificação da cidade de São Sebastião. No seu centro escolheram os padres o sitio para o Collegio á testa do qual, bem como das casas de São Vicente, Piratininga e Espirito Sancto, ficou Manuel da Nobrega, auxiliado por Anchieta. O bispo, o visitador e o provincial partiram para a Bahia e ahi chegaram em Março de 1568.

Em 1569 José de Anchieta assumiu a reitoria do Collegio de São Vicente. E nesse cargo se conservou até 1575, continuando a residir ainda por algum tempo na capitania.

Com o então provincial Ignacio Tolosa, seguiu em 1577 para a Bahia, onde prestou sua profissão solenne e recebeu patente de reitor do Collegio. Não chegou, porém, a exercer esse cargo. Logo depois, em 1578, foi nomeado provincial do Brasil (16). Apesar da saúde cada vez mais precaria, não lhe esmoreceu a actividade de missionario. De casa em casa, visitou todas as fundações da Companhia. Em Agosto de 1578 se achava no Espirito Sancto, em Novembro de 1579 na villa de Piratininga, em 1581 e 1582 no Rio de Janeiro.

Fernão Cardim não o menciona entre os religiosos que receberam na Bahia, a 9 de Maio de 1583, o visitador Christóvão de Gouvêa. E é possível que, entregue aos encargos do provincialato, estivesse elle por esse tempo em qualquer outro ponto da provincia. Certo é, porém, que logo a 18 de Agosto seguiu da Bahia para Pernambuco acompanhando o visitador e outros religiosos. O vento contrario os fez voltar ao ponto de partida no dia seguinte. A 20 tornaram a levantar ancora, que lançaram logo depois na barra do Camamú, em terras do Collegio da Bahia e delle distantes

(16) Brasílio Machado fixa inadvertidamente em 1575 o inicio do provincialato de Anchieta.

18 leguas. Ahi estiveram oito dias *esperando vento e vendo aquellas terras*. Do Camamú tornaram mais uma vez a *tentar viagem*, mas foram obrigados a aporlar na capitania de Ilheus, onde ficaram mais oito dias a espera de bom tempo. A 21 de Setembro conseguiram partir e no dia seguinte chegaram a Porto-Seguro. Visitadas as aldeias dessa capitania, da denominada Sancta-Cruz e no dia 2 de Outubro voltaram os jesuitas para a Bahia.

Na séde da colonia esteve presente Anchieta á Congregação Provincial realizada a 8 de Dezembro. Em Janeiro de 1584 (17) seguiu com Christóvão de Gouvêa em visita ás aldeias indigenas de Espirito Sancto, Sancto Antonio e São João. A 20 de Fevereiro se achava de novo na Bahia. Gravemente enfermo, não pode acompanhar o visitador, em fins de Junho, na missão a Pernambuco.

A 14 de Novembro embarcou Anchieta para o Sul com o visitador, Fernão Cardim e mais cinco padres e quatro irmãos. Septe dias depois chegava ao Espirito Sancto, onde foi até a aldeia de São João. Em Dezembro seguiram os jesuitas para o Rio de Janeiro. Depois de forte temporal soffrido juncto á costa, desembarcaram em São Sebastião a 20 desse mez. Nos primeiros dias de Janeiro de 1585, após a festa de Reis, partiram para São Vicente, tendo gasto na viagem seis dias. Logo depois subiram a serra em visita á casa de Piratininga (outros tres dias de viagem) e ahi se demoraram até fins de fevereiro. De volta de São Vicente e Sanctos, nas duas villas permaneceram um mez. E partiram para o Rio depois de ligeira estada na Bertioga.

Em Outubro estava novamente Anchieta na Bahia. Mezes após, em principios de 1586, deixou o cargo de provincial (18)

(17) Para Fernão Cardim a partida foi a 3 de Janeiro. No entanto, da Bahia e certamente do collegio de São Salvador, no dia 5, redigiu Anchieta a historia das casas da Companhia que se encontra reproduzida no vol. 19 dos *Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro*.

(18) O anno em que Anchieta deixou o provincialato é talvez o ponto mais obscuro e controvertido da biographia do canarino. Para Sainte-Foy e Mello Moraes, isso se deu em 1584. Para Antonio Franco, Pero Rodrigues e Teixeira de Mello, em 1585. Para Simão de Vasconcellos e Degli Oddi, em fins do mesmo anno. Para Beretário, em fins de 85 ou principios de 86. Contra todos se insurge Capistrano de Abreu, sustentando que o canarino só deixou o cargo de provincial em 88, anno em que chegou á Bahia o seu substituto Marçal Bellarte. Ao nosso ver, a verdade está com Beretário: Anchieta em fins de 85 ou principios de 16 depôz nas mãos do visitador Christóvão de Gouvêa o fardo do provincialato. Sem duvida, como nota Capistrano apoiado em Fernão Cardim, Marçal Bellarte só tomou posse do cargo, em que substituiu o canarino, a 20 de Janeiro de 1588. Mas é o mes-

e talvez nesse mesmo anno foi enviado ao Rio de Janeiro e do Rio, entre Junho e Dezembro de 1587, ao Espirito Sancto (19).

missimo Cardim (na sua carta de 1 de Maio de 90 ao provincial portuguez), quem dá esta informação esclarecendo perfeitamente o caso: "Depois disto (isto é, depois dos successos que se seguiram á chegada em Outubro de 85 de Christovão de Gouvêa á Bahia), teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Portugal, e eu havia de ser companheiro do padre Marçal Beliarte; porém, *se não partisse para esse reino até chegada do padre Marçal Beliarte.*" E mais adiante: "Como o mar andava infestado de francezes e inglezes, se deteve o padre Marçal Beliarte com seus companheiros nessa provincia até 7 de Maio de 87, em que chegaram a Pernambuco, aonde se detiveram até 20 de Janeiro de 88, que entraram nesta Bahia e foram recebidos dos nossos com grande consolação e alegria, *principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo.*" Dessas palavras de Cardim se conclue que Christovão de Gouvêa era quem de facto desde fins de 85 ou principios de 86 governava a provincia. A circumstancia de medear entre a data em que Anchieta deixou o cargo (no dizer da maioria dos chronistas) e a em que Beliarte o assumiu cêrca de dous annos nada significa, portanto. A direcção das casas da Companhia não ficou acéphala: á sua testa permaneceu Christovão de Gouvêa. E permaneceu porque não havia provincial. Só assim se explica a sua longa estada no Brasil, ou antes na Bahia, mesmo depois de haver terminado a sua missão de visitador. E nem era a primeira vez que isso acontecia: com a morte de Nóbrega em 70, Antonio Pires e Gregorio Serrão, aquelle durante nove mezes e este por espaço de um mez tão sómente, já haviam interinamente assumido a direcção da provincia até a chegada de Ignacio de Tolosa. Além disso, Anchieta em 87 se encontrava no Rio de Janeiro e no mesmo anno esteve no Espirito Sancto, já sem o cargo de provincial (v. nota n. 19).

(19) Patermina reproduz quatro cartas de Anchieta, uma dirigida ao ermão Antonio de Ribeira e as tres restantes ao tambem ermão Francisco de Escalante. A primeira é datada "Del rio Januario, y del mez de Junio a 5, oy Domingo de Pascua de Espiritu Santo, año de 1587." A segunda "De la casa de el Espiritu Santo, donde hago frequente memoria de él a Dios, y 9 de Deziembre de 1587." A terceira não traz indicação alguma de logar e dia. Mas foi certamente escripta do Espirito Sancto como a precedente, e a ultima datada "De la Capitanía del Espiritu Santo 7 de Julio de 1591." Essas cartas aclaram, de modo cabal, outro poncto controvertido da vida de Anchieta: a data exacta de sua vinda ao Rio de Janeiro depois que deixou o provincialato. De facto, Anchieta depois de 86 esteve duas vezes no Rio: em 87 e em 94. A confusão derivava do facto de Beretário, Simão de Vasconcellos e outros darem Fernão Cardim como reitor do collegio do Rio de Janeiro nesse tempo. Sendo o engano evidente, pois em Agosto de 93 se encontrava ainda Cardim na Bahia, Capistrano dahí concluiu que só em 88 deixou Anchieta o provincialato e tempos depois veio para o Rio com Cardim, o que tambem é menos exacto (nota n. 21),

Na Bahia, em 1592, assistiu á Congregação Provincial que elegeu procurador á Roma o padre Luis da Fonseca (20). Em 1594, já de novo no Espirito Sancto, foi encarregado por Marçal Beliarte da inspecção das casas do Rio de Janeiro e São Vicente (21). Concluida essa missão, voltou para o Es-

(20) A congregação provincial realizada na Bahia e de que resultou a eleição de Luis da Fonseca procurador á Roma, é geralmente fixada em fins de 91 ou principios de 92: Parece-nos mais certo, que ella se tenha realizado no correr de 92. Na carta que escreveu ao capitão Miguel de Azevedo da Bahia, em 1 de Dezembro de 92, dizia Anchieta que "depois da sua eleição até agora nem elle (Luis da Fonseca), nem eu, temos vida, elle com escrever e outros negocios, e eu com escrever para o qual os dias me não bastam, nem descansarei até que elle se não embarque." Ora, não é provavel que depois de eleito para ir á Roma, Luis da Fonseca ainda se deixasse ficar por quasi um anno na Bahia.

(21) Capistrano affirma, louvando-se nas informações de Beretário, Vasconcellos, Franco e outros, que Anchieta veio ao Rio fazer companhia ao então reitor do collegio, Fernão Cardim. Não indica o anno que para os chronistas citados foi o de 1586. Porém a carta de Anchieta, escripta do Espirito Sancto, a 7 de Setembro de 1594 ao geral Aquaviva, demonstra que essa estada de Anchieta no Rio, não se deu nem em 86 (como aliás já ficou provado) nem durante a reitoria de Cardim. Diz, com effeito, Anchieta: "O padre Marçal Beliarta me enviou a estas capitánias do Rio de Janeiro, de São Vicente a visitar". E logo depois: "No Rio de Janeiro permanece como V. Reitor o padre Francisco Soares." Anchieta, portanto, não residiu no Rio de Janeiro em companhia de Cardim. Em 87, quando lá esteve pela primeira vez, depois do provincialato (v. nota 19), Cardim ainda se achava na Bahia. E em 94 esteve no Rio tão simplesmente para inspecionar o collegio, então sob a direcção do padre Francisco Soares.

"Desta Bahia o primeiro de Dezembro de 1592", escreveu o canarino ao capitão Marcos de Azevedo do Espirito Sancto, dizendo: "O padre provincial partirá junctamente com o padre Affonseca para Pernambuco e de lá logo em chegando diz que mandará o navio para irem os padres que hão de ir pera essa banda e parece que tambem irei eu pola promessa, que o padre provincial fez a vossa mercê, que a não ser isso muito puxavam por mim pera Pernambuco, mas quererá o Senhor tornar-me a levar a esta terra pera consolação de vossa mercê e desses senhores todos meus amigos." Quer dizer que Anchieta logo depois voltou para o Espirito Sancto. E do Espirito Sancto em 94 foi enviado por Beliarte a inspecionar as casas do Rio de Janeiro e São Vicente. E' verdade que na carta a Tolosa, da qual Antonio Franco transcreve um trecho, carta escripta de Reritiba, Anchieta declara: "O padre provincial me mandava licença para que estivesse em qualquer parte da Provincia que quizesse; não quiz tanta liberdade, porque vai ser causa de cegueira e errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fôra grande desatino, havendo em 42 annos que deixei em tudo a livre disposição de mim na mão dos Superiores, querer agora no

pirito Sancto onde accompanhou o padre Diogo Fernandes na sua viagem a Reritiba. Nessa aldeia recebeu a nomeação para superior do Espirito Sancto, cargo que occupou até 95, tornando então a residir em Reritiba. Ahi foi mais uma vez incumbido da direcção da casa da capitania. Durante cinco ou seis mezes, enquanto se esperava o padre Pedro Soares, arcou com as responsabilidades do cargo, apesar da doença que já lhe tomara todo o organismo. E voltou a refugiar-se entre os indios de Reritiba. E ahi morreu num domingo, 9 de Junho de 1597, com 63 annos de idade, 46 de Companhia e 44 de missão no Brasil (22).

Seu corpo, transportado nos hombros dos indios e seguido desde Reritiba pelo padre João Fernandes, foi sepultado na capella de São Tiago do Collegio do Espirito Sancto, juncto ao tumulo de Gregorio Serrão, fallecido em 1586. Em 1611, por ordem do geral Claudio Aquaviva, suas reliquias foram levadas para a igreja do Collegio da Bahia e collocadas ao lado do altar-mór. Parte dellas, ainda por determinação de Aquaviva, foi transportada para Roma, quando promulgado o decreto *Non cultu*, de Urbano VIII.

Apesar de iniciado em 22 de Abril de 1624 o exame dos processos informativos para a beatificação e canonização de Anchieta (processos feitos em Olinda, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Evora) e em 7 de Outubro do mesmo anno os

cabo de minha velhice dispôr de mim. Puz-me nas mãos do padre Fernão Cardim, reitor do collegio do Rio de Janeiro, e ordenou Nosso Senhor que accompanhasse ao padre Diogo Fernandes nesta aldeia de Reritiba."

Havendo Anchieta entrado para a Companhia em 51 e referindo-se a esse facto como se tendo passado 42 annos antes, a carta deve ser de 93. Ora, até fins de 92 não só Anchieta como tambem Fernão Cardim se encontravam na Bahia. E é muito provavel que este ultimo, terminados os serviços do sancto officio, já tivesse sido designado para dirigir o collegio do Rio, o que explica o titulo que lhe dava Anchieta. Essa hypothese é reforçada pela já citada carta a Marcos de Azevedo. O canarino estava sendo solicitado para Pernambuco. Mas por outro lado havia uma promessa do provincial Bellarte no sentido de faze-lo voltar para o Espirito Sancto. Entregue a elle a escolha, muito natural que pedisse conselho a seu amigo Cardim, tambem á espera de navio para seguir seu destino.

O facto de em 94 Francisco Soares estar na direcção do collegio do Rio, quando já em 93 Cardim era o reitor, nada prova tambem contra o que vinhamos sustentando. Anchieta dá-lhe o titulo de vice-reitor. Isto é: reitor interino do collegio. Nada mais plausivel que Cardim por qualquer motivo estivesse na occasião ausente, tendo deixado Francisco Soares como seu substituto.

(22) Lara y Ordonhes diz 15 de Junho.

processos apostolicos, só em 10 de Agosto de 1736, Clemente XII proclamou a heroicidade de suas virtudes.

Além da *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* (impressa pela primeira vez em Coimbra, em 1595), e do poema *De Beata Virgine Dei Matre Maria* (reproduzido por Simão de Vasconcellos), José de Anchieta escreveu uma vida de Men de Sá (para sempre perdida talvez), varios aponctamentos sôbre as casas da Companhia do Brasil, a biographia de seus companheiros de missão, grande numero de poesias em portuguez, castelhano, latim e tupí, autos e dialogos dramaticos, cartas e informações que entre nós têm publicado a *Revista do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO*, os *Annaes da Bibliotheca Nacional*, o n. 1 dos *Materiaes e Achegas para a Historia e Geographia do Brasil* e os *Annaes do Museu Paulista*.

SÃO VICENTE EM 1553

Quando, na véspera do Natal de 1553, José de Anchieta chegou a São Vicente, dezenove annos havia da doação da capitania feita por d. João III a Martim Affonso de Sousa.

Nas cem leguas ou pouco mais de costa, que as dez de Pero Lopes dividiam em duas partes (uma que ia da altura da ilha do Mel até a barra da Bertioga, outra que começava na fóz do rio Jequeriquerê e acabava em Macahé), a colonização mal principiava timidamente.

A primitiva villa de São Vicente, fundada em 1532 na praia do Itararé, o mar a destruiu onze annos antes. A povoação que Anchieta conheceu se escondia atraz do morro dos Barbosas. Ao pé deste ficava a igreja dos jesuitas, sob a invocação de Nossa Senhora da Praia. A villa eram poucos os fogos de portuguezes (em 85 não passavam de cincoenta ou quando muito cem), aglomerados á margem do caminho do porto de Tumiarú. Não vivia: vegetava. Os ataques violentos dos tamoios, apesar do auxilio que aos vicentinos prestavam os tupiniquins localizados no Sul da ilha e mesmo os mamalucos de serra acima, a sobresaltavam continuamente. Além disso, a villa de Todos os Sanctos, erguida por Braz Cubas juncto ao outeiro de Sancta Catharina, em terras da antiga sesmaria de Domingos Pires e Paschoal Fernandes, com o seu Hospital da Misericordia, o seu porto muito mais accessivel do que o de São Vicente, mais proxima das culturas e dos engenhos da ilha de Sancto Amaro (a ilha do Sol, de Pero Lopes, como sustenta Eugenio de Castro), que lhe ficava quasi em frente, sobrepujara logo em actividade e tamanho a villa de Martim Affonso. Esta, como que passou a ser uma tributaria daquella. Constituia Sanctos o verdadeiro porto, o esquadro de São Vicente. E por Porto da Villa de São Vicente já era, aliás, conhecido, antes da iniciativa de Braz

Cubas, o lugar onde se estabeleceram Paschoal Fernandes e Domingos Pires, que abriram um caminho ligando a séde da sua sesmaria á villa vizinha. Por esse caminho seguiam para attingir São Vicente os que desembarcavam no ancoradouro de Sanctos e se fazia o commercio entre as duas povoações.

Naquellas cento e tantas leguas de costa São Vicente e Sanctos se erguiam como os unicos alicerces da colonização incipiente. O resto, de São Vicente para o Sul até a outra parte da donataria de Pero Lopes, como de Sanctos para o Norte até os limites da capitania de São Thomé, era o deserto ou quasi o deserto. Aqui e alli um ou outro vestigio apenas de posse por parte dos indios, tupiniquins e tamoios, miramomis, guaianazes e carijós. Ao Norte: Iperoig. Ao Sul: Paranatiú, Ararapira, Iguape e Cananéa, nomes que indicam as paragens visitadas pelos brasis e não propriamente povoações. Nem Martim Affonso em 1531, nem Leonardo Nunes em 1549 encontraram qualquer agglomerado delles na costa vicentina. Os indios localizavam-se nos campos ou já nas serras, em ponctos mais ou menos afastados da costa, de fixação incerta e difficil, mas de onde vinham constantemente até as praias pescar e mariscar (frei Gaspar).

Para defesa das duas villas contra as arremettidas tamoias e as piratarías estrangeiras, só contavam os portuguezes em 1553 com o imprestavel forte de São Felipe, já desde 1550 sem o seu commandante Hans Staden, erguido por Martim Affonso (ou improvisado, como diz Machado de Oliveira) na ilha de Sancto Amaro, á margem direita da barra do Bertioga. Só em 1556 com a edificação da fortaleza de São Tiago na margem septentrional e em 1557 com a restauração da de São Felipe, ficaram os reinóes melhor aparelhados para enfrentar o inimigo da terra e do mar. Melhor, mas não efficientemente: os ataques tamoios continuaram ainda por muito tempo a pôr em crise constante o crescimento das fundações portuguezas.

A lavoura principal era a da canna de assucar, cujas primeiras plantas Martim Affonso mandou vir da ilha da Madeira. E foi o proprio donatario quem, de sociedade com João Veniste, Francisco Lobo e o piloto-mór Vicente Gonçalves, construiu no meio da ilha de São Vicente o primeiro engenho do Brasil. Teve elle varios nomes: do Senhor Governador, dos Armadores e, finalmente, de São Jorge dos Erasmos (São Jorge era o padroeiro da capella que havia no engenho, e Erasmo Schefer o alemão que veio a ser seu proprietario).

Outros havia e não poucos. Frei Gaspar dá uma relação dos fabricados até 1557: o de Estevão Pedroso, o de Jeronymo Leitão (duas vezes governador-loco-tenente da capitania em

73 e 83), o de Salvador do Vale e o dos Guerras no termo da villa de São Vicente; o da Madre de Deus, o de São João (propriedade do genovez José Adorno), o de Estevão Raposo, o de Bartholomeu Antunes, o de Nossa Senhora da Apresentação, o de Sancto Antonio (cujo proprietario era Manuel Fernandes), todos no districto de Sanctos. Além desses, os moradores de São Vicente requereram em 1557 a dom João III que á custa da Real Fazenda mandasse construir mais dous. E é ainda o benedictino quem dá noticia da creação, por iniciativa de Martim Affonso, da companhia denominada Armadores do Tracto, destinada á exploração do commercio do assucar, *moeda corrente desse tempo* (23). O producto era exportado pelos armadores para Portugal, de onde vinham o dinheiro e as várias mercadorias de que necessitavam os povoadores.

Ao lado do commercio do assucar, o torpe commercio dos indios. Frei Gaspar refere-se revoltado á vereação da Camara de São Vicente, de 21 de Julho de 1543 que, depois de taxar os resgates, prohibia aos brancos a compra de escravos por preço que excedesse o taxado, permitindo, no entanto, *que delle para baixo se ajustassem como pudessem*. Nenhum documento illustra melhor do que esse a rapacidade voraz dos primeiros colonizadores. As mercadorias se vendiam aos indigenas por preços exorbitantes. O commercio chegou a tal poncto de ignominia que as proprias auctoridades portuguezas, apesar da sua cumplicidade criminosa, resolveram refrealo: em 1550, o ouvidor-geral Pedro Borges, depois de consultar o capitão-mór, o ouvidor e os camaristas de São Vicente, *determinou o preço dos resgates com mais equidade*.

Oito annos antes da chegada de Anchieta a São Vicente, tinha sido revogado por dona Anna Pimentel o acto de seu marido Martim Affonso, prohibindo aos brancos (com excepção de João Ramalho que elle já encontra em Sancto André) que subissem pelos campos e terra a dentro com o intuito de effectuar os miseraveis resgates com os indios. De fórma que Anchieta pode verificar, como diz frei Gaspar, *as funestas consequencias do mal considerado alvará de dona Anna Pimentel*: as villas da costa em decadencia, pois o com-

(23) Muitos annos mais tarde ainda era o assucar a moeda corrente em São Paulo do Campo. Paschoal Leite, em Maio de 1600, arrematava uma *saia azul pertencente* ao espóllo de Gracia Rodrigues por cinco mil réis "pagos em açucar branco e rijo posto na villa de Sanctos em paz e salvo ou nesta villa em dinheiro deste Janeirc que vem a um anno". Lanços como esse, surgem a cada passo nos inventarios bandeirantes.



mercio dos indios attrahia os moradores para as paragens dos campos e da serra; os indigenas descontentes e amotinados contra essa invasão e a capitania, portanto, cessado o commercio exportador de Sanctos, depauperada e pobre.

Em 1553 era governador-loco-tenente do donatario o cavalleiro fidalgo Antonio de Oliveira, que occupava o cargo pelo segunda vez. Foi dos primitivos povoadores da capitania, fazendo parte do grupo de vinte e tres fidalgotes trazidos por Martim Affonso. Veio como primeiro feitor da Fazenda Real, em 1537, e foi nomeado loco-tenente pela primeira vez em 1538. Concluido o governo em 1542, partiu para Portugal, de onde voltou ao Brasil acompanhado de sua mulher dona Genebra Leitão de Vasconcellos e varios filhos.

Além do loco-tenente do donatario, encontrou Anchieta na governança e administração da terra um ouvidor, um feitor e almoxarife régio, os vereadores de São Vicente e Sanctos, constituindo aquelle *simulacro de camaras municipaes* de que falla Varnhagen, e os respectivos escrivães, procuradores, almotaceis, juizes ordinarios, alcaides pequenos, thesoureiros e porteiros.

Deixando as povoações da costa, uma unica villa, entes-tando com o sertão e velha de dezeseis dias apenas, existia serra acima na época da chegada de Anchieta: era Sancto André da Borda do Campo, o antigo arraial fundado por João Ramalho, o patriarcha (assim lhe chama Paulo Prado), feito alcaide-mór e guarda-mór do Campo. Primeiro nucleo de malmalucos piratininganos e *covil de bandidos* (segundo pareceu a Ulrico Schmidel), cautelosamente fortificado, ia attrahindo para o seu seio os brancos dispersos pelo planalto. Na qualidade de villa possuia tambem o seu pelourinho e um conselho municipal com os respectivos funcionarios.

Fechado o feudo de Ramalho á actividade dos jesuitas, viram-se estes obrigados, antes da chegada de Anchieta, a escolher a aldeia de Japiúba ou Maniçoba (24), numa distancia de 40 leguas mais ou menos da costa, para séde da catechese dos indios do planalto. Ahi Nobrega, auxiliado pelo ermão Antonio Rodrigues, levando em sua companhia alguns catecúmenos de Piratininga, ergueu em 1553 uma igreja que foi a primeira do sertão vicentino. Para essa residencia

(24) Só em Simão de Vasconcellos se encontram referencias a essas duas aldeias de Japiúba e Maniçoba, que Theodoro Sampaio procurou localizar approximadamente no mappa que junctou á sua conferencia de 96 sobre *São Paulo no tempo de Anchieta*.

vieram logo *grandes levas de carijós* impressionados pela fama do grande Barcaclué (25).

A' margem do Anhembí, longe de Sancto André duas ou tres leguas apenas, a aldeia de Piratininga abrigava os indios de Tjibirigá. E juncto a Sancto André, em Geribatiba, se localizavam os de Caiubí. Ou em Geribatiba ou talvez em Piratininga vivia ao lado dos indigenas certo numero de christãos. Porque é a uma dessas aldeias que tambem se refere certamente Ulrico Schmidel quando declara, a proposito de Sancto André e do poderio de Ramalho, que *os indios deste paiz, assim como cerca de oitocentos christãos que vivem nas duas aldeias, são vassallos do rei de Portugal, mas João Reinvelle os governa*.

Para as bandas do Sul, existia ainda Mairanhaia, na terra dos tupiniquins (26).

E era só.

O portuguez (na phrase de frei Vicente do Salvador) não se despregava da costa como um caranguejo. Tão unicamente João Ramalho, precursor bandeirante, ousara galgar a serra. Os indios desciam para disputar aos conquistadores a posse das praias. Elles, os reinóes, só abandonavam as costas para buscar escravos.

Prohibindo aos brancos a entrada do sertão, Martim Affonso, si por um lado affirmava aquelle apêgo ao mar, caracteristico dos primeiros povoadores, por outro tomava uma providencia avisada, porque o portuguez quando deixava a praia era para criar inimigos. Não os movia o objectivo de fundar culturas terra a dentro. Em tórno da escravidão indigena é que girava toda a actividade colonizadora.

Muito embora a doação a Martim Affonso comprehendesse as cento e poucas leguas de costa e nos fundos tudo quanto pertencesse á Corôa de Portugal, a capitania practicamente não formava até 1553 sinão um polygono convexo medindo juncto ao mar meia duzia de leguas parcas e penetrando pelo sertão quarenta leguas no maximo em seu puncto mais avancado. E não era essa entrada uma conquista portugueza. A obra verdadeiramente colonizadora se desenvolvia ou defi-

(25) "A' fama deste grão zêlo de Nobrega, mui conhecido pelos sertões do Paraguai (nos quaes era chamado Barcaclué, que val o mesmo que homem sancto)..., assim escreve Simão de Vasconcellos no livro primeiro da *Chronica*.

(26) Mairanhaia é outra aldeia indigena a que só se refere Simão de Vasconcellos e que, á similhança do que fez com Japiúba e Maniçoba, Theodoro Sampaio tentou localizar no mappa alludido na nota 24.

nhava entre Tumiarú e a Bertioga e estacava ao pé da serra. Porque nem a fundação de João Ramalho nem a residência jesuítica de Maniçoba foram producto da actividade civilizadora dos prepostos da Corôa.

O donatario já encontrara João Ramalho no meio dos indios. Não como colonizador ou representante desgarrado da civilização occidental, mas como chefe delles, integrado completamente na vida dos naturaes da terra, agindo em seu nome e para proveito proprio, nunca em nome e para proveito da monarchia lusitana. Principalmente quem como o patriarcha de Sancto André (no dizer de Ulrico Schmidel) era capaz de armar sob o seu commando cinco mil indios contra os mil e tantos com que podia contar o rei. E se arrogava por isso mesmo o direito de governar a terra, guerreando *os portuguezes que lhe não queriam reconhecer* a autoridade. Era, portanto, uma fôrça isolada, sem ligações directas com a Metropole, e já creando na donataria aquelle espirito de revolta e independencia que mais tarde viria explodir, ameaçando o dominio reinol em Piratininga.

De sua parte, os jesuitas, apesar da influencia decisiva de Manuel da Nobrega sôbre Thomé de Sousa, nos meios empregados e no objectivo a alcançar se afastavam consideravelmente dos portuguezes. Viviam mesmo em permanente lucta com elles, combatendo-lhes a cobiça e os vicios. Si entraram até Maniçoba, não foi só porque na costa escasseavam os indios: era preciso evitar tambem o contacto de uns e outros. A catechese não podia prosperar ao lado dos reinôes. E o que apartava os jesuitas dos descobridores era tambem e com maior razão o que os collocava em campo opposto ao de Ramalho. Antes da vinda de Anchieta, já Leonardo Nunes havia enfrentado o senhor de Sancto André. Entre os padres e o alcaide-mór do campo a divergencia era franca e odienta.

A vida da donataria era assim uma guerra continua: portuguezes contra indigenas, mazombos de Sancto André e jesuitas; indigenas contra portuguezes; João Ramalho contra jesuitas e reinôes; jesuitas contra reinôes e João Ramalho. Disputada por tantas ambições e batida por tantas differenças, São Vicente parecia destinada ao mesmo mallogro que attingira a maioria das capitánias doadas por dom João III.

O meridiano de Tordesilhas, cortando o Anhembi na confluencia com o Piracicaba e passando mais para o Sul juncto á ilha do Mel, ainda era a fronteira, mais do que intransponivel, inattingida. Vegetando na costa, São Vicente, como que se encolhia, armando o pulo. No alto da collina piratiningana os jesuitas viriam construir o trampolim.

FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

“Esta terra é nossa empresa”, escrevia Manuel da Nobrega, em 1549, ao padre-mestre Simão Rodrigues. E tres annos depois, como que completando a phrase: “Muito desejosos andamos de ir pelo sertão.”

Assim o jesuita intelligentissimo abria as estradas da terra aos conquistadores que a alargariam depois. A conversão do gentio o compellia a deixar a costa. O que os povoadores teimavam em não fazer, estabelecendo-se systematicamente nas praias e dahi não arredando pé, era para elle uma preocupação constante: *descobrir a terra*, como dizia, varar as serras, furar o sertão, surprehender o indio no mysterio da selva bruta.

Em São Vicente, sua actividade nesse sentido foi providencial. Percebendo logo o entrave que representava para o progresso da colonia aquelle aferramento ao mar em que se mantinham os reinôes, a dom João pedia da Bahia que mandasse *moradores que rompam e queiram bem á terra*. Pois na donataria de Martim Affonso elle mesmo deu exemplo desse amor ao paiz ainda virgem. E quebrou o isolamento entre a costa e o sertão. Foi buscar o indio terra a dentro. Não á maneira do povoador portuguez para escraviza-lo ou dizima-lo. Mas para lhe captar a confiança, transformando os mais ariscos em aliados uteis, numa missão de catechese e de politica em que a maior interessada era de facto a Corôa e não a Companhia. Porque cada legua andada era uma legua incorporada á posse portugueza. Assim como a linha divisoria de 1494 se deslocou para os lados do Pacifico, bem podia ser que empurrada pelos castelhanos fosse caminhando cada vez mais na direcção do Atlantico. O indio amigo seria uma sentinella para a defesa e um grande auxiliar para o ataque.

Quando Martim Affonso, guiado por João Ramalho, subiu em 1532 até Piratininga, verificou "a bondade de seus campos para criarem gado vaccum, cavallar e ovelhum" (frei Gaspar). Não quiz, no entanto, fundar villa alguma: não só porque lhe pareceu com certeza sufficiente o arraial do Ramalho para séde da actividade pastoril de serra acima, como também pelo justo temor de que a localização dos brancos naquelles campos viesse occasionar luctas sangrentas com os selvagens. Mas para essa decisão é provavel que muito tivesse influido João Ramalho. Era o genro de Tibiriçá, senhor absoluto de Sancto André e vizinhanças. Qualquer povoação portugueza em Piratininga viria diminuir o seu poderio. A determinação de Martim Affonso parecia assim em não pequena parte um desacerto: evitava o mal que o resgate dos indios pelos brancos da côsta fatalmente produziria, mas deixava João Ramalho no alto da serra como um obstaculo á expansão da capitania. O homem de Sancto André, na bocca do sertão, mais do que o socêgo dos indios defendia o proprio dominio. Colocado entre a costa e o planalto constituia de certo modo uma barreira: os trabalhos da colonização não podiam passar daquella nesgazinha da costa que o Tumiarú e a Bertioiga limitavam.

O que escapou a Martim Affonso, porém, não escapou a Nobrega.

O padre Leonardo Nunes e o ermão Diogo Jacome, mandados por elle da Bahia, em Novembro de 49, mal haviam iniciado a catechese em São Vicente tiveram de se haver com os reinós e sobretudo com João Ramalho. O Abarebebê, que tinha provisão de Thomé de Sousa para restituir á liberdade os indios escravizados, encontrou nos brancos da costa a maior e a mais natural das opposições. A escravidão era o esteio da vida economica dos povoadores. Insurgindo-se contra ella, o jesuita subvertia uma situação ha muito estabelecida e com a qual contava a gente de Sanctos e São Vicente para seu sustento e seu commercio. O escravo indigena se tornara elemento indispensavel á vida da capitania.

Mais do que qualquer outro, João Ramalho, "homem por graves crimes infame", tinha motivos sérios para combater a obra humanitaria dos jesuitas. Grande potentado em arcos, não lhe convinha em absoluto o reconhecimento da liberdade dos indios. Entre elle e Leonardo Nunes, dentro em pouco explodiu a lucta. E o gesto do jesuita, ordenando a saída do patriarcha da igreja de Sancto André, onde não podia assistir á celebração da missa como excommungado que era, não foi certamente o unico incidente da contenda. Esta havia de ser de todos os dias. Chegando com Thomé de Sousa a São Vicente em principios de 1553, Nobrega veio encontra-la em

toda a sua virulencia. Logo nos primeiros tempos, foi obrigado a tirar a limpo em processo público as accusações levantadas por parte de Ramalho e seus filhos contra o procedimento dos padres Manuel de Paiva, Francisco Pires e varios ermãos, entre os quaes Manuel de Chaves. Feita a devassa e verificada a improcedencia das accusações, a não ser com respeito a um dos mestiços que serviam de interpretes para o Abarebebê e que foi expulso da casa da Companhia, Nobrega teve mais uma prova da necessidade imperiosa de livrar a catechese das vistas incommodas e inimigas dos portuguezes. Com esse intuito, entrou sertão a dentro e foi levantar no meio dos indios a egrejinha de Maniçoba ou Japiúba.

Então a Companhia já contava em São Vicente com bons linguas da terra: o citado Manuel de Chaves, Pedro Corrêa, Leonardo do Valle, Gaspar Lourenço, Maximiano e outros (14 ao todo), recebidos como noviços por Leonardo Nunes. E uma entrada proveitosa além das serranias que vizinhavam o mar havia feito o Abarebebê em companhia de um dos ermãos no mesmo anno de sua chegada a São Vicente.

Para o progresso da catechese não bastava, porém, essa residencia de Maniçoba ou Japiúba (isolada no sertão), como também não eram sufficientes as visitas forçosamente espaçadas ás aldeias indigenas. Tendo tomado pulso á terra (como diz Simão de Vasconcellos), Nobrega resolveu fundar uma casa além da serra do Paranapiacaba. E na escolha do logar demonstrou mais uma vez a sua extraordinaria visão das necessidades e das possibilidades da colonia.

Determinando a fundação da nova casa nos campos de Piratininga, o jesuita deu em verdade com a cruz da catechese um golpe com que os representantes da Corôa nunca sonharam ou não puderam arriscar. O objectivo de Nobrega era evidente: conquistar a amizade dos indios e reduzir á impotencia a inimidade de Ramalho. Este ficaria collocado entre dous fogos: do lado do mar, o portuguez, rival na escravidão do indio e concorrente na cobiça e no mando; do lado do sertão, o jesuita, adversario habilissimo e intransigente, feito defensor dos brasis e palmatoria das miserias nativas e importadas.

E não só contra Ramalho se erguia a casa de Piratininga. Afastando-se de um meio hostile da costa, a catechese ia de encontro aos indios para arma-los e preveni-los contra a sanha escravagista dos primeiros colonizadores. "Attrai-a-o (escreveu Capistrano, referindo-se a essa iniciativa de Nobrega) a proximidade do rio Tietê, caminho do Paraguai, sôbre o qual fundara e algum tempo nutriu esperanças, á vista

de informações favoráveis quanto á docilidade do gentio e facilidade de catechiza-lo.”

O golpe era de uma audacia enorme: o jesuíta se contrapunha aos interesses dos reinões, desafiava os mamalucos de Sancto André, estabelecendo-se proximos delles como um perigo permanente, e ainda ia se expôr aos ataques do indio, sempre mal disposto contra qualquer intervenção estranha em suas paragens. Era, portanto, para a Companhia uma lucta incansavel que começava. Lucta que teria logo em Pedro Corrêa e João de Sousa as primeiras victimas, mas que daria á capitania uma vitalidade até então desconhecida em toda a colonia.

E aqui é preciso reivindicar para Manuel da Nobrega a gloria inteira do empreendimento. Quando mandou Leonardo Nunes á Bahia em 1553 foi já com o intuito unico de angariar missionarios para a fundação da casa e o estabelecimento do povoado civilizador no planalto. A prova é que em Agosto visitou os campos de serra acima guiado por um filho de Ramalho, afim de escolher o terreno onde se devia erguer a igreja planejada. Tudo, pois, já tinha preparado nesse sentido. Chegado a São Vicente, em 24 de Dezembro, o reforço de que fazia parte Anchieta, logo nos primeiros dias de Janeiro partiram os jesuitas com destino á collina de Piratininga, onde eram esperados pelos indios amigos de Tibiriçá e Caiubí. Como a necessidade da fundação era urgente, Nobrega não perdeu tempo em realiza-la. Galgando, a serra, os commandados de Manuel de Paiva levavam instrucções seguras do missionario admiravel que ficara em São Vicente. Foram méros operarios: o plano em todos os seus detalhes, Nobrega — verdadeiro fundador de São Paulo — o idealizou, em parte executou e em parte mandou executar.

Treze eram os padres e ermãos que, atravessada em canôas a barra do Caneú, desembarcaram no porto de Sancta Cruz, no rio Cubatão, e dahi (como suggere Paulo Prado) tomaram provavelmente o trilho que “subia a serra tambem chamada do Cubatão, procurava a passagem do Tutinga, por onde corre a agua branca do rio das Pedras, e attingindo as lombadas do alto continuava caminho de Piratininga”.

“Transposta a asperrima serrania (são palavras de Theodoro Sampaio), atravessaram a matta e já distante della cêrca de tres leguas, acamparam na lombada de campo alto, limitada pelos riachos Tamanduatehí e Anhangabahú.” No centro desse triangulo de quatro alqueires, dominando “de vinte cinco a trinta metros de alto toda a extensa varzea alagadiça até o Anhembí, meia legua ao Norte, levantou-se a casinhola construida pelos indios e onde a 25 de Janeiro de

1554 o padre Manuel de Paiva disse a primeira missa. “Pobre casinha (mezes depois da fundação escrevia Anchieta), feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a eschola, a infermaria, o dormitorio, o refeitório, a cozinha, a dispensa.”

Tibiriçá e seus indios localizaram-se da banda do Norte (informa ainda Theodoro Sampaio), na altura do actual Mosteiro de São Bento, e a gente de Caiubí ficou na parte Sul, perto do logar hoje chamado Tabatinguera (antigo Tabatagoera). Eram as duas sentinellas de defesa, barrando as entradas do povoado que nascia. Os jesuitas se isolavam prudentemente. Posição estrategica em que elles se firmavam á semelhança dos senhores medievos da Umbria, fugindo dos descampados e estabelecendo-se nas collinas. Isolamento, retrahimento, cautela, portas cerradas para os de fóra, miradouro dominando toda a vizinhança, posto propicio ás entradas pelo sertão, refugio seguro contra as arremettidas adversarias, tudo isso garantindo a audacia da empresa e compondo o ambiente guerreiro, em que se formou o character paulista.

A fundação do povoado se iniciava do modo original com um collegio na *pauperrima e antiquissima, porém decerto feliz cabanazinha*. Collegio (e collegio de humanidades) onde tudo estava por fazer, terra e homem ainda se envolviam na rudeza barbara em que os surpreenderam os descobridores. Era paradoxalmente a eschola inventando, procurando, lançando alumnos. Precedendo em Piratininga á chegada dos moradores. Com todas as probabilidades de um verdadeiro absurdo naquelle tempo e naquelle meio. No mechanismo da povoação primitiva a peça-mestre, em tórno da qual todas as outras se moviam, era a escholazinha isolada no alto da collina, exquecida do mundo e ainda olhando com olhos desconfiados o sertão-guassú.

ANCHIETA PROFESSOR E DRAMATURGO

Installados os jesuitas na casa de Piratininga, fez-se entre elles, de accôrdo com a aptidão de cada um, a divisão do trabalho.

Anchieta se encarregou do ensino. Foi o professor de "grammatica em tres classes differentes" de seus proprios companheiros, dos meninos trazidos de São Vicente e dos indios recrutados nos campos vizinhos. Dos ermãos recebidos na Companhia por Leonardo Nunes, um tão sómente conhecia a lingua da igreja. Sabedor de tres, — portuguez, castelhano e latim, — o canarino tractou logo de aprender a indigena, de que mais tarde viria a compôr grammatica e vocabulario. Para uso e edificação do gentio, diz Simão de Vasconcellos, "traduziu a doutrina christã e mysterios da Fé, dispostos a modo de dialogo." Além disso, "fez tractado, interrogatorio, e avisos necessarios para os que houvessem de confessar, e instruir principalmente ao tempo da morte, aos já baptizados. Até Septembro de 1554, cento e trinta indigenas entre homens e mulheres, sendo estas em maior numero, receberam as lições de catecismo. Mas só trinta e seis foram baptizados. As aulas eram diarias e se realizavam duas vezes, pela manhã e pela tarde. Os indios recitavam as orações em portuguez e na lingua brasilica. Os catecúmenos de São Vicente auxiliavam Anchieta nos trabalhos de ensino. A' noite percorriam as casas da povoação louvando em côro e em latim o deus dos christãos. E a catechese progredia.

Era, assim, o canarino a cabeça da Companhia em Piratininga. E isso explica a preponderancia que logo assumiu, apesar de simples ermão. Tendo partido de Portugal doente e fraco, e muito embora não possuísse na casa de São Paulo do Campo nem "xaropes, nem purgas, nem os mimos da infermaria", alimentando-se quasi sempre com "folhas de

mostarda cozidas e outros legumes da terra, e outros manjares que lá não podeis imaginar (como elle mesmo escrevia aos ermãos de Coimbra), os ares de Piratininga lhe fizeram bem. O trabalho insano, que chegava a lhe roubar o somno, não o impedia de se considerar, são de todo, antes contribuia para o seu fortalecimento, a tal poneto que elle tinha pena de ver os ermãos de Portugal "gastar tanto tempo em mezinhas *quæ ad modicum, imo ad nihil valent*". As preoccupações da catechese, por outro lado, não lhe deixavam vagar para pensar na saude. Tão sómente o frio humido de Piratininga o incommodava. "Em tantas estreitezas nos achamos na verdade collocados (dizia a Ignacio de Loyola, a respeito da exigua residencia de São Paulo), que é muitas vezes necessario aos ermãos explicarem a licção de grammatica no campo, e como ordinariamente o frio nos incommoda da parte de fóra e dentro de casa o fumo, preferimos soffrer o incommodo do frio lá fóra do que o do fumo de dentro."

Com Anchieta regendo o collegio, Antonio Rodrigues ensinando a doutrina christã em tupí aos catecúmenos indigenas, Affonso Braz e Diogo Jacome trabalhando de carpinteiros, e os demais entregues aos multiplos encargos da catechese, todos sob a direcção de Manuel de Paiva, começou a viver e a crescer o povoado de São Paulo. Manuel da Nobrega não tardou a deixar São Vicente para se unir aos missionarios do planalto. Dos treze padres e ermãos co-fundadores da nova casa, passados sete mezes nella só se encontravam sete. Os padres Francisco Pires e Vicente Rodrigues, em companhia de alguns ermãos, se achavam na aldeia de Maniçoba, "colhendo todavia pouco fructo" (informava Anchieta) por causa da dureza dos indios alli estabelecidos.

Para os jesuitas a vida era penosa. Alimentavam-se mal, dormiam em rêdes, comprimidos entre as quatro paredes da casinha primitiva, eram os enfermeiros dos indios nos quaes, por ordem de Nobrega, Serrão e Anchieta, faziam sangrias e practicavam *outros officios de alveitar*, fabricavam alpargatas para as caminhadas pelo mattó, cosiam suas sotaínas (como aquella do canarino, "de canamo tingida de preto, que fizera elle mesmo com retalhos de velas nauticas"), construíam choupanas, visitavam os indios em seus aldeamentos distantes e ainda occorriam sem descanso a todas as necessidades do apostolado e da bôa ordem do povoado nascente. Tinha, portanto, razão de sobra Anchieta, quando asseverava aos ermãos de Coimbra: "é necessario ser sancto para ser ermão da Companhia.

Prosperando a aldeiola de São Paulo, resolveram os jesuitas, ainda em 54, substituir a já imprestavel palhoça da

fundação por uma casa maior e mais confortavel e a construir uma igreja de taipa de pilão. Em fins de 55 estavam as obras concluidas sob a direcção do padre Affonso Braz, mestre de alvenaria e carpintaria. Os operarios eram os proprios alumnos de Anchieta, "que para a obra traziam ás costas os cestos de terra e potes de agua, no tempo que podiam poupar de seu estudo" (Simão de Vasconcellos).

Acabada a casa e edificada a igreja, Luis da Grã, que se encontrava na capitania desde Maio de 55, subiu a Piratininga e ahi, de accôrdo com Manoel da Nobrega, resolveu transformar em *perfeito collegio* a eschola de Anchieta. E assim, nos primeiros dias de Janeiro de 56, installou-se solenemente o *primeiro collegio formado que teve a Provincia do Brasil* com uma classe primaria e outra de latim. Para sustento delle, a casa de São Vicente desistiu de seus poucos bens de raiz, passando a viver de esmolas.

Mas o ensino religioso em fórmula de dialogo, com perguntas e respostas, não bastava. Nem todos os indigenas estavam em condições de recebe-lo com proveito. Os adultos, principalmente, parecendo "approximar-se mais á natureza das fêras do que á dos homens" e ainda pervertidos pelo "tão pernicioso contacto" do branco vicioso e perverso, pelo exemplo que este lhes dava de "nefanda e abominavel ignominia", pouca importancia dedicavam aos ensinamentos do catecismo e ás advertencias das prégões. O jesuita foi obrigado a recorrer a traças de efeito mais accessivel ao indio bronco: e se valeu então da musica, da poesia, do drama, da dansa.

Esse aspecto da catechese teve na capitania de São Vicente, graças a José de Anchieta, maior interesse e maior resultado do que em qualquer outro poneto da provincia brasileira. Não possuindo nem o tino politico de Nobrega, nem o espirito de organização de Grã, nem o ardor combativo de Nunes, o canarino encontrou no theatro o campo que convinha á expansão de suas tendencias litterarias.

E foi admiravel. "Mestre na cantiga ingenua", como quer Luis Cabral, mestre verdadeiramente se revelou nos autos a que tambem se poderia chamar de ingenuos. Nosso primeiro dramaturgo sem dúvida (dos autos de Aspicuelta Navarro nada nos resta), fundou o theatro de modo originallissimo nas terras do Brasil. Repetia-se o paradoxo: assim como a eschola havia precedido á povoação nos campos de Piratininga, o theatro (que em toda parte foi sempre signal de civilização firmada) ia fazer o papel de elemento civilizador num meio barbaro. E não só como um pulpito de onde indirectamente se prégassem os principios de religião e de moral que a catechese defendia.

As circunstancias fizeram de Anchieta um dramaturgo dos mais adeantados de seu tempo. Porque até então ainda predominava na Europa o drama sagrado. E' de 1548 o delicioso decreto do Parlamento de Pariz, prohibindo os confrades da Paixão de *jouer le mystère de la Passion Nostre Sauveur, ne autres mystères sacrez sur peine d'amende arbitraire, leur permettant néantmoins de pouvoir jouer autres mystères profanes, honnestes et licites sans offencer ne injurier aucune persone*. Na Inglaterra, nesse mesmo século XVI é que o theatro escholar com Nicholas Udall começou a reacção contra os interludios 'essencialmente religiosos de Heywood. E foram os actores inglezes que despertaram na Alemanha, em principios do século XVII, o gôsto pela farça. A inquisição vetava na Espanha as representações desabusadamente profanas, e as comedias e colloquios de Lope de Rueda ainda não haviam suplantado os autos evangelicos dos continuadores de Juan del Encina. No renascimento italiano eram frescas novidades revolucionarias as comedias de Ariosto e Aretino: o drama christão só começou a declinar nos fins do século XV. Em Portugal, no anno de 1502, perante dom Manuel representou-se, pela primeira vez, um auto de Gil Vicente. A inquisição impedia em 1586 a reimpressão de suas obras. Sob dom João III e dom Sebastião, o cêgo Balthazar Dias e o mulato Affonso Alvares escreviam com successo, entre muitos outros, aquelle, o *Auto da paixão de Christo metrificado* e, este, o *Auto de Santo Antonio feito a pedimento dos mui honrados e virtuosos Cônegos de São Vicente: mui contemplativo, em partes mui gracioso, tirado da sua mesma vida*.

Por toda parte a epidemia do drama lithurgico. No entanto, na aldeiola de São Paulo, o jesuita de vinte e poucos annos, além dos autos sagrados, tentava a comedia de characteres. Mas Anchieta comprehendeu que para impressionar o indio surdo ás objurgatorias dos sermões nada valiam pura e simplesmente a pintura theatral do peccado, a ameaça do castigo e a promessa da recompensa eterna. Os dramas religiosos na fórmula e no espirito, tendo por interpretes anjos e diabos e permanecendo no plano elevado de poema biblico, escapavam á percepção do indigena.

O theatro vicentino possuia sem dúvida o mesmo character didactico do gaullez: era um catecismo dramatico. Anchieta, porém, ao contrario de quasi todos os seus collegas europeus, ambientava sempre as suas peças ainda as essencialmente religiosas. Seus mysterios tinham côr local. Nem todas as figuras moravam no céu e no inferno. Nem todas ellas desciam á terra exclusivamente para tomar parte nas representações theatraes. Muitas eram naturaes da capitania,

nella nasceram e viviam. E não raro o auto attingia uma verdade golpeante, porque Anchieta o realizava com os dados reaes de um factio succedido, repetindo na scena o episodio a verberar e escolhendo para interprete o proprio individuo retratado na peça. De fórmula que o actor não copiava, não reproduzia, não interpretava. Vivia e mais nada.

Maravilha de representação e (para o objectivo que animava o catechista), maravilha de castigo tambem. Porque, si não fôra na vida punido, no theatro o peccador o era sempre. A scena final cobria-o de ridiculo. E "a multidão reunida para a festa (diz uma correspondencia portugueza) ria-se, apupava o paciente, que se corrigia".

Comedia de costumes, portanto. O enredo era tirado do ramerrão vicentino. As personagens vivas e authenticas. Artificio (quem sabe?) só no desenlace edificante e moralizador.

Por tudo isso, a obra dramatica de José de Anchieta, no meio e no tempo em que nasceu, mais do que uma traça catechizadora deve ser considerada, com justiça, o inicio de uma arte que a civilização, ao contrario do que seria de suppor, não soube entre nós amparar e desenvolver. Por esse lado, a semente lançada pelo jesuita ficou no que era. E já se passaram trezentos e cincoenta annos. De maneira que, de toda a historia de theatro brasileiro, e periodo mais curioso é ainda aquelle em que o canarino satyrizava a liberdade viciosa da colonia nascente.

Tal como o descrevem os chronistas, o espectáculo realizado a 31 de Dezembro de 1556 na villa de São Vicente, por encomenda e sob os auspicios de Manuel da Nobrega, dá uma idéa do que foi e do que valeu a contribuição dramatica de Anchieta na obra da catechese.

Deante de enorme assistencia, em que se via gente vinda de todos os pontos da capitania, ia subir á scena muito provavelmente o drama *Prégação universal* (como suggere Alvaro Pinto e as informações de Sainte-Foy deixam presumir). Drama parte escripto em portuguez, parte em tupí. Destinava-se a verberar vicios communs a lusitanos e brasileiros "afim de que com detesta-los nas personagens que se lhes punham ante os olhos, soubessem detesta-los em si mesmos e destarte corrigir-se".

Theatro erguido ao ar livre. Já os amadores estavam para entrar em scena, quando de repente uma immensa nuvem negrissima appareceu annunciando tempestade. Certamente uma daquellas que José de Anchieta descreve na curiosa carta de Maio de 1560, com trovões que "ribombam com tamanho fragor que infundem grande terror, relampagos que tudo deixam na sombra e mesmo deslumbram a vista, e parecem disputar com o dia em esplendor de luz, furacões com vehe-

mente impeto dos quaes algumas vezes se nos abala o coração”.

Amedrontada, a assistencia ia fugir quando o canarino, “conhecendo ser isto obra do demonio para evitar o damno que lhe causaria aquelle acto e depois de breve oração e em tom que parecia prophetico: manda que todos volvam a occupar seus logares, assegurando-lhes que uma só gotta d’agua não havia de cair antes de findo o espectáculo e elles estarem abrigados.”

E a nuvem ficou sôbre o theatro como um toldo. A chuva não caíu. A tempestade esperou tres horas a terminação do espectáculo. Só então, quando todos já se encontravam em suas casas, é que, na phrase saborosa de Pero Rodrigues, “começa tambem a nuvem a dizer seu dicto”.

Com milagres ou sem elles, a verdade é que o canarino, professor, dramaturgo e poeta, illustrava sobremaneira o apostolado jesuitico no Brasil dos primeiros tempos. E não era sem dúvida essa parte intelligente e imaginosa da catechese a que menos fructos colhia na lucta sem tréguas contra a rudeza do ambiente e o vicio ou a ignorancia dos homens. (27)

(27) Existe um estudo de A. de A. Machado, publicado em 1926 em São Paulo, sôbre a obra dramatica de Anchieta, do qual nos valemos em mais de um trecho.

RAMALHO E OS JESUITAS

“Seis annos (escreve Affonso d’E. Taunay) viveu o arraial piratiningano exclusivamente entregue aos loyolistas antes que a autonomia se lhe traduzisse pela installação da edilidade.” Seis annos de alheimento total “aos acontecimentos extra-locaes”, todos elles gastos na defesa e progresso da aldeia pequenina e sobretudo na lucta sempre accessa contra a gente de Sancto André.

Fundada a casa de São Paulo do Campo, os jesuitas não occultaram a sua preocupação de pôr por terra o poderio de João Ramalho. De seu lado, o patriarcha de Sancto André percebeu logo o golpe que contra elle se preparava e tudo fez por contrariar o objectivo de Nobrega. Entre as duas forças que se combatiam, os indios, cuja alliança jesuitas como mamalucos disputavam, eram de facto os mais prejudicados. Porque eram os verdadeiros soldados da lucta. Servindo inconscientemente ao partido de São Paulo ou ao de Sancto André, e mais a este do que áquelle, em verdade combatiam contra si mesmos, trucidando-se em encontros cuja decisão não os interessava.

Logo no primeiro anno da fundação de Piratininga, instigados pelos mamalucos Ramalhos, expulsaram os jesuitas da residencia de Maniçoba. E pouco depois atacaram a casa de São Paulo. As victimas eram elles: atacando iam encontrar na defesa, não estrangeiros, mas indios tambem, armados e instigados por aquelles.

A responsabilidade da contenda cabia em maior parte aos jesuitas, seus provocadores. A fundação de São Paulo nos campos de Piratininga por si só já era um desafio. Si de facto preparava o espirito dos indigenas contra os missionarios, como querem os apologistas destes, Ramalho não fazia sinão defender seus interesses ameaçados. E, mais do que seus interesses proprios, a vida do povoado que fundara.

Nesse ponto o depoimento de Simão de Vasconcellos, lançando por inteiro a culpa da lucta sôbre a gente de Sancto André, é desmarcadamente parcial, como já demonstrou frei Gaspar. Ambos os adversarios "convidavam indios e portuguezes, desejosos de atrahir grande numero de povoadores, que se unissem a elles", na phrase do chronista benedictino.

A hostilidade iniciada annos antes por Leonardo Nunes entrava com taes manejos na sua phase decisiva. E ia constituir sem duvida o successo capital da historia da colonização vicentina até então. Jogava-se nella a sorte mesma da capitania.

A ruina de Ramalho apresentava com effeito a franquia da terra á penetração dos conquistadores. Porque, apesar do citado alvará de 1544, passado por d. Anna Pimentel, que permittia aos portuguezes da costa entrarem pelo sertão a resgatar e a *todas outras cousas*, senhor incontestemente de serra acima era inda João Ramalho, principalmente depois que Sancto André ganhou fóros de villa com o seu fundador feito alcaide e guarda-mór do Campo. E o portuguez, pae dos mamelucos atrevidos, embora vassallo do rei, por mais de um motivo não podia ver com bons olhos a invasão de seus domínios por gente menos facil de sujeitar.

Só mesmo o jesuita poderia enfrenta-lo vantajosamente, com a fôrça que lhe davam a sua missão religiosa, a sua astucia e a sua tenacidade intelligente. Ramalho sabia disso. Sabia que a contenda que se iniciava era de vida e de morte. Ou anniquillava o jesuita ou era por elle anniquillado. Não podendo atacar á frente de sua gente a casa de São Paulo, pois assim chamaria para si a inimizade dos representantes da Corôa na colonia, alliados dos jesuitas, muito habilmente se valia do indio estúpido e maleavel, já naturalmente predisposto contra tudo quanto representasse intromissão estrangeira na terra que dominava pelo numero.

Machado d'Oliveira resume assim as razões em que se baseavam os antagonistas: "João Ramalho, e os seus numerosos filhos, adherentes e escravos indios esforçavam-se em dar vida e augmento á villa, que tinham como feudo, sustentando que, quanto maior fosse o seu povoamento maior segurança haveria ao de São Paulo, porque, por sua posição no fim das mattas da serra, a villa servia de antemural ás hostilidades dos tamoios, que acoberto com elas, e pelas encostas septentrionaes da mesma serra, vinham de suas terras impunemente ter aos campos de Piratininga, e ahi commetter atrocidade; e os padres fundavam-se em que esse augmento devia ter o seu povoado, porque assim favorecia-se e activava-se os elementos da catechese e civilização dos indios do campo, que, por sua submissão, e annuencia aos mandados

dos padres, prestavam-se doces ás doutrinas ensinadas por elles, e á sua voz de autoridade para a edificação da povoação de Piratininga."

Como se vê, quer de uma parte, quer de outra, razões só apparentemente verdadeiras. Porque não era uma lucta entre dous povoados. Mas (digamos assim) entre duas auctoridades, que não podiam subsistir lado a lado. Não dominasse João Ramalho em Sancto André, não fosse São Paulo uma fundação jesuitica, e a lucta não existiria. Nem o facto de sua proximidade justificava a contenda em que se empenhavam. Villas vizinhas eram São Vicente e Sanctos e nem por isso deixavam de viver em bôa paz. E' verdade que esta prosperara em prejuizo daquella. Mas dahi não se deduzia que desvessem se hostilizar.

A allegação jesuitica de que em Sancto André "vivia a gente embrutecida e altaneira por falta de missionario", tambem era improcedente. Antes, como accentúa Machado de Oliveira, aos padres da Companhia "era mais imputavel semelhante falta de educação religiosa na gente de Ramalho, pois que, havendo em Piratininga numero crescido de religiosos excedente ás exigencias da missão nos campos de Piratininga, nem ao menos um fôra dispensado para a de Sancto André, medeando entre os dous povoados apenas a distancia de tres leguas." Os jesuitas se contentavam em visitar semanalmente a villa de Ramalho (Affonso d'E. Taunay).

Sôbre essa lucta que jogou um contra o outro os dous nucleos povoadores do planalto, até hoje não chegaram os estudiosos a um accôrdo.

Na opinião entre todas auctorizada de Capistrano, os factos se passaram "pouco mais ou menos assim: Leonardo Nunes teve attrictos com João Ramalho, mas por fim dominou-o. O conhecimento do planalto mostrou-lhe as vantagens de Piratininga, proxima do porto de São Vicente, apesar da pessimidade do caminho, em communicação com Itanhaen, como o estudo mais cuidadoso dos documentos vae indicando. Quando Leonardo foi á Bahia buscar os ermãos vindos com dom Duarte da Costa, Nobrega subiu a serra em companhia de um filho de João Ramalho, informa Polanco, que fixa a data — degolação de São João Baptista — 29 de Agosto de 1553. Já as desavenças deviam ter cessado, sinão outro seria o proceder do filho. Manuel de Paiva, segundo parece, era parente de João Ramalho; que com este teve dúvidas, pôde deduzir-se da sua biographia resumida em Antonio Franco (*Imagem de Coimbra*). Sabemos agora que a reconciliação foi completa, pois seis annos depois da fundação de São Paulo (1554-1560) os andresistas quizeram ser-lhe reunidos, a

menos que não houvesse dous partidos — um contra os Ramalhos.”

O proprio Capistrano, portanto, faz restricções á hypothese que elle julga a mais provavel, admittindo a possibilidade de um partido contra os Ramalhos em Sancto André, partido a que pertenceriam os camaristas Jorge Moreira e Jeanes Alves, auctores da carta á rainha, de 20 de Maio de 1560.

A verdade é que, como sustenta Brasílio Machado, a epistola de Anchieta, de 1554, demonstra irrefutavelmente que a catechese, ainda depois da fundação de São Paulo, foi “hostilizada pelos povoadores de Sancto André”. E sobre a intervenção de Manuel de Paiva o depoimento do canarino é categorico, affirmando seu insuccesso e concluindo por estas palavras que não deixam dúvida alguma quanto á intenção dos jesuitas de anniquillar Sancto André: *E assim, si não se extinguir de todo este tão pernicioso contagio, não só não progredirá a conversão dos infieis, como se enfraquecerá e de dia em dia necessariamente desfallecerá.*

O facto de Nobrega ter subido a Piratininga, em Agosto de 1553 guiado por um filho de Ramalho, ainda que não se tracte de um engano de Polanco, póde ser explicado ou pela existencia do tal partido anti-ramalhista, de que faria parte o proprio filho do patriarcha (e o caso não seria unico) ou pela habilidade insuperavel do jesuita, que assim como conquistara a amizade de Tibiriçá, bem poderia ter maneiramente conseguido a do neto, ou ainda por uma trégua da contenda imposta por quaesquer circumstancias de momento.

Affonso d’E. Taunay, nas paginas que dedicou ao assumpto (*Na era das bandeiras*), esclarece de modo de todo em todo plausivel um dos pontos mais duvidosos da lucta: os motivos que obrigaram João Ramalho, apesar de sua fôrça incontestavel, a “dobrar a cerviz ante os odiados ignacinos.” Diz o illustre pesquisador: “A unica razão que para a obediencia do alcaide-mór ás ordens do govêrno geral nos impressiona é a possibilidade da associação da sua gente com a da Companhia de Jesus, ante os prenuncios da tempestade que se formava”, isto é, a rebellião dos tamoios em 1562.

Essa a hypothese mais conveniente. A ameaça de uma invasão inimiga forçou a união entre Ramalho e os jesuitas. E estes se teriam aproveitado da oportunidade para, concluindo um trabalho que desde muito vinha sendo feito juncto a Men de Sá, obterem não só o foral de villa para Piratininga, como a demolição completa de Sancto André. Nem de outro modo se explica o arrazamento feito. Si não subsistissem ainda em 1560 os odios que separaram Leonardo

Nunes de Ramalho, os jesuitas se teriam contentado com a elevação de São Paulo á villa em detrimento de Sancto André e a consequente passagem dos campos desta para o territorio daquella. Mas não. Sancto André foi destruida totalmente. E desfêcho assim violento só póde ter uma lucta tenaz, alimentada por odios fundados e irreconciliaveis.

Fosse como fosse, os acontecimentos posteriores vieram demonstrar que, si o golpe foi cruel, a victima principal foi quem o desferiu. O jesuita sagacissimo não percebeu dessa vez que manejava uma arma de dous gumes.

De facto, e muito embora o arrazamento de Sancto André seja geralmente considerado como uma victoria dos padres e constituisse sem dúvida uma affronta para João Ramalho, nenhum proveito trouxe á Companhia. Muito pelo contrario, marcou o inicio de sua decadencia em Piratininga. Os jesuitas venceram João Ramalho. Mas não venceram os mamalucos. Não destruíram nem dobraram aquelle espirito de rebeldia que o patriarcha de Sancto André transmittiu com o sangue a seus filhos e moldou a gente de que era senhor, modêlo e exemplo.

Erguido na collina de Piratininga o ambicionado pelourinho, a villa viu-se logo invadida pelos portuguezes da costa e pelos mamalucos desalojados de Sancto André. A povoação, onde o jesuita fazia e desfazia a seu arbitrio, elegeu os seus camaristas, tornou-se independente do poder espiritual que a criara e governara.

Tambem cessou o isolamento em que vivia. Ainda quando estava em curso a demolição do feudo de Ramalho, Men de Sá subiu a serra em visita a Piratininga e, tendo soffrido com certeza todos os incommodos que proporcionava aos viajantes o caminho até então trilhado, resolveu determinar a abertura de outro que melhor servisse de communição entre o planalto e as villas da costa. Anchieta foi encarregado de escolher-lhe os rumos e dirigir-lhe a construção. E ahí está por que o novo caminho se chamou do padre José.

Quebrado o isolamento com a costa, enfrentou-se o sertão. Luis Martins partiu com Braz Cubas á busca de ouro. Seguindo um roteiro até hoje desconhecido, entrou terra a dentro. Nada encontrou. E voltava desilludido quando a duas leguas de Piratininga “o acaso lhe fez deparar com as minas de Jaraguá”, das quaes extrahiu o metal, por que a Corôa ansiava, logo “mandado para Portugal de mixtura com algumas pedras verdes, que os entendidos deram por esmeraldas” (Machado d’Oliveira).

E não é só. Levando consigo Anchieta, outra expedição partiu pelo Anhembí, destinada a combater uma horda de selvagens (informa ainda o auctor do *Quadro historico*) que, posta em uma das margens do Tietê, e em proximidades da nova villa, hostilizava constantemente os seus habitantes, accommettendo-os em frequentes correrias, e vedando-os que se extendessem para grandes distancias.

Essa phrase de Machado d'Oliveira — *vedando-os que se extendessem para grandes distancias* — diz perfeitamente do estado de animo piratiningano na nova éra que a installação da villa abria. Luis Martins foi á cata de minerio e pedras. Outros foram sujeitar indios. Rompia-se o caminho para as bandeiras.

Pois bem. Logo no anno seguinte, 1561, Grã e Nobrega resolveram transferir o collegio de São Paulo do Campo para São Vicente. Porque motivo? Simão de Vasconcellos se resume a dizer: “pelas razões que de novo se offereceram, não obstante as com que alli (Piratininga) se formara no anno de 1555.” Que razões seriam essas? Pois agora que a aldeia passara á villa e vida nova, prospera e activa começava, é que se fechava o collegio? Pois um dos fundamentos com que os jesuitas pediam a destruição de Sancto André não era o de que Piratininga offerecia maiores vantagens para a catechese?

Os factos que se succederam á entrada dos mamaluços na villa piratiningana, porém, dão o verdadeiro motivo: João Ramalho, em 1562, tomava posse do cargo de capitão-mór de São Paulo, era escolhido para commandar as guerras que contra os indios se fizessem e mais honras teria si não conservasse o orgulho ferido pelas injustiças soffridas, preferindo retirar-se para um “logar em terra dos contrarios da Parahíba”, onde, dizia elle em 1574, aos camaristas de São Paulo, “estava tão bem”.

O arrazamento de Sancto André e a consequente installação do pelourinho em São Paulo representaram assim para a Companhia a mais precaria das victorias. O jesuita trouxe o inimigo para sua casa. São Paulo recebeu os mamaluços de Sancto André e os reinóes de Sanctos e São Vicente, uns e outros oppostos á obra das missões. Os indios, ante a invasão extranha, debandaram, e o jesuita, impotente para refrear o impeto que elle mesmo facilitara, se viu obrigado a transferir o collegio para São Vicente. Sem capitular de todo. Nova lucta se iniciava. E agora o jesuita era o mais fraco. Lucta longa, surda e odiepta que oitenta annos mais tarde teria seu desfecho na expulsão dos nove ultimos missionarios de Piratininga,

TAMOIOS E FRANCEZES

O indigena fugia deante do branco. O que equivale dizer: fugia deante da escravidão. Com a cumplicidade da Corôa, o reinol caçava o indio para fazer delle seu serviçal e seu soldado. Escravo, em summa, utilissimo na paz e na guerra. Além de utilissimo, indispensavel. Os brasis constituiam o grosso da população colonial. Sem elles, a obra civilizadora era impossivel. Mas contra elles teria de ser feita porque o indio só se submettia pela fôrça. O proprio Nobrega reconhecia em 1559, que “em mentes o gentio não fôr senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os castelhanos nas terras que conquistam”, nada se obteria delle. E na opinião de Anchieta, “os indios por temor se hão de converter mais do que por amor”. A entrada do branco terra a dentro tinha para o indigena todos os caracteristicos de uma usurpação illegitima. Contra ella defendia-se desesperadamente, fugindo e atacando ao mesmo tempo.

Logo no anno da installação da villa de São Paulo de Piratininga, grande parte dos indios atrahidos pelos jesuitas abandonou a povoação e se foi localizar em pontos mais ou menos distantes da collina. E' geralmente attribuida aos padres a formação dessas aldeias de dissidentes: São Miguel, Pinheiros, Ibirapoera, Guarús e outras. Ha mesmo quem considere Anchieta como o fundador si não de todas pelo menos de algumas.

A verdade é que, si os jesuitas não foram os promotores dessa saída dos indigenas de São Paulo, certamente a ajudaram. Porque o novo estado de cousas na villa piratiningana não era de modo algum propicio á catechese. Ao jesuita convinha afastar o indigena do contacto do branco e, longe deste, exercer a sua missão evangelizadora. Proposito que vinha de encontro aos proprios interesses dos brasis, que, na villa

de São Paulo, agora entregue aos portugueses, em pouco tempo se veriam escravizados.

Além disso, o indio, naturalmente errante, não se fiando em parte alguma (como provam aquelles que em poucos annos se mudaram de Piratininga para Guirapiranga, de Guirapiranga para Carapicuíba, de Carapicuíba para Itaquaquecetuba, e de Itaquaquecetuba para São Miguel), estava sempre prompto a abandonar uma paragem para se estabelecer em outra, ao sabor dos acontecimentos e das conveniências. E era esse também para elle um recurso de defesa. Quando não combatia, fugia. São Paulo, dominada pelos portugueses e constantemente atacada pelos contrarios, era pouco muito pouco seguro: nelle os indios mansos soffriam o dominio cruel dos brancos e se arriscavam a morrer, combatendo por esse mesmo branco odiado contra seus proprios irmãos da matta.

Prudentemente se afastavam, portanto. Uns, mais tímidos, para poucas leguas distantes da villa, sem evitar de todo o contacto com a civilização rude que os victimava. Outros, com maior ousadia, embrenhavam-se profundamente pela selva immensa e iam se estabelecer longe de São Paulo, como aquelles guaianazes que levantaram a aldeia de Itaboaté, na região de Ipacaré.

Já em 1556, informa Simão de Vasconcellos, os indios de Piratininga se achavam divididos em sete distinctas povoações e todas distantes. Com o correr dos annos e a installação dos portugueses no planalto, essas povoações foram augmentando de numero, de fórma que em 1560 ou pouco mais chegaram, só nos campos de serra acima, a ser pelo menos doze. E eram provavelmente as de Guirapiranga, Geribatiba, Maniçoba, Japiúba, Boigi, Guarús, Pinheiros, São Miguel, Baireri, Ibirapoera, Itaquaquecetuba e Itaboaté (28).

A installação de alguns desses indios em tórno da villa nascente representava sem dúvida uma conquista para a

(28) Toledo Rendon no volume IV e Machado d'Oliveira no volume VIII da *Revista Trimensal* estudaram os primitivos aldeamentos indigenas de São Vicente. Com os dados escassos que os registos antigos lhe forneceram, o auctor do *Quadro Histórico* organizou a seguinte lista, que comprehende o periodo que vai de 1560 a 1600, mais ou menos: Pinheiros ou Carapicuíba, Baireri, ou Moarueri, São Miguel ou de Ururai, Nossa Senhora da Escada, Conceição dos Guarulhos, São João de Peroibe, São José, Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquecetuba, Emboú ou Mboi, Itapeçerica e Conceição de Itanhaen. Além dessas, Machado d'Oliveira ainda cita as de São Xavier, Sancto Ignacio e Encarnação, que por essa época provavelmente existiam nas margens do rio Paranapanema.

obra colonizadora, muito embora se devesse em grande parte ao odio que separava os brasis do branco prepotente. Porque eram indigenas já mais ou menos catechizados pelos jesuitas, que continuavam a visita-los constantemente e a te-los assim sob as suas vistas.

O impulso que a vida piratiningana tomou logo não se verificou, apesar disso, sem luctas continuas com indios de varios pontos da capitania. Antes, parece que a prosperidade de São Paulo acirrou ainda mais a sanha das tribus. A tal ponto que, em 1555, os camaristas clamavam pelo auxilio de Estácio de Sá, declarando estarem dispostos os moradores a abandonar Piratininga voltando ás villas da costa, caso não chegasse logo o soccorro pedido (29)..

São Vicente e Sanctos, porém, não gozavam maior tranquillidade. Os tamoios persistiam nos seus ataques que pareciam a Anchieta procedentes, dadas as "muitas injustiças e sem-razões que delles (portuguezes) têm sempre recebido."

Anchieta, por isso mesmo, não podia se dedicar exclusivamente ao ensino. Embora ainda no collegio de São Vicente, onde (escrevia a Lainez, em Abril de 63), continuavam os ignacinos "nos mesmos exercicios de ensinar e confessar senhores e escravos, de noite e de dia com grande trabalho", a pacificação e conversão dos indios passavam a ser para elle, como já o eram para Nobrega, uma preocupação de todos os instantes. Além das duas villas da costa, Itanhaen, ao Sul de São Vicente, seis ou sete leguas pela praia, e as outras aldeias dos arredores, entre as quaes provavelmente São João do Peroibe, começavam também a desafiar o seu zêlo de missionario. E juncto aos indios, catechizando-os e defendendo-os, passaria de então em deante grande parte de sua vida.

Nessa mesma carta de 16 de Abril de 63, Anchieta punha Lainez ao par do que se passava na capitania com relação aos "continuos incursos" dos tamoios e communicava o projecto de Nobrega de ir ao encontro delles. Projecto que já datava de dous annos e que só então, abrindo-se uma oportunidade feliz, seria realizado. "Agora (escrevia) estão aparelhados dous navios, em que havemos de ir o padre

(29) São palavras de Paulo Prado (*Paulistica*, pag. 51): "Em 1565, os camaristas dirigem longa representação a Estácio de Sá, capitão-mór da armada real, destinada ao povoamento do Rio, reclamando em termos energicos providencias contra os assaltos de tamoios e tupinaquins, que matam e roubam impunemente em todo o territorio da capitania, não lhe fazendo a gente desta capitania mal nenhum. Essa representação ameaça, caso não venham auxilios immediatos, abandonarem os moradores a villa de Piratininga, para irmos todos caminho das villas do mar".

Manuel da Nobrega e eu por interprete, por falta de outro melhor.”

Esse gesto ousado de Nobrega, indo negociar a paz entre os proprios inimigos (e inimigos da especie dos tamoios, “brava e carniceira nação cujas queixadas ainda estão cheias da carne dos portuguezes”), tem sido aponetado com justiça como uma das obras mais meritorias da Companhia de Jesus no Brasil colonial. Ella teve, porém, um alcance ainda maior do que aquelle immediato da conclusão da paz com os selvagens de Iperoig, que Southey e outros louvam com entusiasmo. O intento de Nobrega não era tão somente salvar as povoações portuguezas dos ataques dos tamoios, pondo termo á lucta sangrenta que já durava muito e parecia eternizar-se. Para Nobrega não bastava transformar o inimigo em amigo. Queria mais: queria faze-lo alliado tambem. E alliado contra o francez, contra o herege que viera fundar no Rio de Janeiro a França Antartica.

Com effeito e desde 1556, isto é, desde a chegada de Villegaignon á bahia do Rio, os jesuitas de São Vicente viviam sobresaltados com aquella vizinhança perigosa. São palavras de Simão de Vasconcellos: “O francez tinha assentado liga com os indios (tamoios), e com brandas palavras e dadivas liberaes, se tinha feito senhor de seus corações, e estavam unidos em um corpo contra os portuguezes, e de mão commun iam fortificando-se, dando assaz que entender aos de São Vicente com sua vizinhança.” Por outro lado, a incuria criminosa da Metropole aggravava a situação. O francez, sem ser molestado, fortalecia cada vez mais o seu dominio. E o tamoio, já inimigo do portuguez, passava a ser soldado daquelle, sentinella alerta, aggressiva e intransponivel na fronteira com São Vicente.

No mesmo anno da chegada de Men de Sá á Bahia, feito terceiro governador geral, de São Vicente foram até elle apertados avisos, prevenindo-o dos progressos dos francezes no Rio, onde iam cada vez mais apoderando-se do sitio, drogas da terra, e commercio dos indios, os quaes á vista das armas de França iam crescendo em suas insolencias, e discorriam toda a costa em damno dos nossos. (Simão de Vasconcellos). Assim, combater o tamoio era combater o francez e ganhar a confiança daquelle, enfraquecer este. Ambos se alliavam na obra de destruição das colonias portuguezas, de forma que separa-los, ao menos em parte, constituia sem dúvida a melhor maneira, mais habil e mais segura, de guerrea-los.

O jesuita tinha, de seu lado, outro motivo para sérios temores.

O francez era inimigo seu tambem no terreno espiritual.

A obra catholica da Companhia não podia tolerar a infiltração das idéas lutheranas na colonia.

Numa carta interessantissima, dirigida a Lainez em Junho de 1560, Anchieta contava os incommodos que aos religiosos de São Vicente causou a inesperada visita de João Bolés um anno antes, e pintava o perigo que para a catechese representava a *ponçonha lutherana* (30). E ahi está por que o jesuita foi o instigador e o melhor soldado da guerra contra os francezes do Rio de Janeiro.

Men de Sá, em 1560, quando da tomada do forte de Ville-gaignon, já contara com o auxilio valioso dos padres de São Vicente. Essa victoria parcial não resolveu, porém, a situação. O indio continuou amotinado contra o portuguez e na enseada ainda permaneceram francezes mettidos entre os tamoios.

Manuel da Nobrega viera da Bahia, em companhia de Men de Sá, “muito doente e magro, com os pés e a cara inchados, as pernas cheias de postemas, e com outras muitas enfermidades”. Em São Vicente, como sempre acontecia, curou-se em pouco tempo. Livre da doença, tractou logo de pôr mãos á obra. E transferido o foral de villa de Sancto André para São Paulo, sua velha aspiração, começou a planejar a viagem a Iperoig, numa missão de paz que era tambem de guerra. Dous annos se passaram sem que elle pudesse realiza-la. Finalmente, em Abril de 63, chegou o momento ambicionado: Nobrega e Anchieta, no dia 18, partiram de São Vicente. Na Bertioga estiveram cinco dias, confessando e commungando os moradores e seus escravos. E dahi, a 23, seguiram viagem. Levava-os, em canôa de sua propriedade, o genovez Francisco Adorno, um dos tres ermãos Adorno que foram dos primeiros povoadores da capitania.

A 4 de Maio seguinte, depois de outra parada na ilha de São Sebastião, “despovoada mas cheia de muitos tigres”, chegaram a Iperoig. Recebidos hostilmente pelos indios, Anchieta, ainda na canôa de Adorno, “os arengou no seu proprio idioma” (Southey). E começaram logo as entabolações para a paz: ao mesmo tempo que doze mancebos tamoios seguiam como refens para São Vicente, Caoqueira abrigava os jesuitas. Cinco dias depois, Nobrega disse a primeira missa no altar armado em um bosque juncto do lugar. Antes da politica e

(30) Possuimos dessa carta, que se acha no archivo da Companhia de Jesús em Roma, uma cópia photographica, a nós offerecida por um dos discipulos e amigos de Capistrano de Abreu, a quem pertencera. A cópia infelizmente é incompleta. Como, porém, nos parece, salvo engano, absolutamente inédita, reproduzimo-la em appenso.

preparando terreno para chegar até ella com successo, o jesuita se valia da religião.

O padre e seu interprete encontraram os tamoios promptos para nova investida a São Vicente, com duzentas embarcações e "todos os arcos que habitavam as ribeiras do rio Parahiba". Socegada a gente de Pindobuçú e iniciadas as tentativas de concordia, Aimbiré chegou do Rio de Janeiro commandando dez canôas guerreiras. O tamoio, alliado do francez, queria estorvar os trabalhos dos jesuitas e impedir qualquer accôrdo com os portuguezes. Graças á astucia de Nobrega, pouco parou em Iperoig: dirigiu-se logo a São Vicente para dictar aos representantes da Corôa as suas condições de paz. Industriados pelo padre, os portuguezes o receberam com mostras de amizade e sem ceder ante a arrogancia do indio conquistaram-lhe a confiança.

Logo depois e com a mesma intenção de Aimbiré, surgiu Paranaucú numa canôa equipada com trinta remeiros. Mas como Aimbiré, o filho de Pindobuçú nada pode contra os jesuitas: passou logo de adversario a amigo.

E assim decorreram dous mezes. A paz ainda não se firmara de todo. Os indios tinham razões de sobra para suspeitar da lealdade das propostas portuguezas. Além do mais, do Rio de Janeiro chegavam emissarios que acirravam velhos odios e acordavam antigas queixas.

Reclamando São Vicente a presença dos dous jesuitas, Nobrega resolveu partir a 21 de Junho. Em fins desse mez já se achava entre os portuguezes. Anchieta ficou como refem, em troca daquelles doze mancebos tamoios enviados para a séde da capitania dous mezes antes.

Até fins de Setembro, desarmado entre selvagens armados (como elle mesmo disse em latim e em verso), permaneceu Anchieta em Iperoig ultimando as pazes. Durante esse tempo, mais uma vez teve de acalmar os odios dos indios descontentes em defesa propria e na de dous portuguezes, Aires Fernandes e Antonio Dias, que até a praia tamoia se aventuraram, bem como de outros que de volta de uma excursão a São Vicente os indios trouxeram comsigo. Em compensação, juncto a Pindobuçú encontrou sempre o mais decidido apoio á paz planejada. De fórma que, trazendo Cunhambéba de São Vicente os protestos de concordia dos portuguezes, pode afinal dar por finda a sua missão. Com o mesmo Cunhambéba, deixou Iperoig no dia 24 de Setembro e sete dias depois chegava á Bertioga, após ligeiro descanso na ilha dos Porcos, onde encontrou uma canôa de tamoios inimigos.

Tranquillizados os selvagens de Iperoig, começaram os jesuitas a preparar a guerra contra os do Rio de Janeiro

pois, no dizer do canarino, "o fim desta paz foi de facto fim de guerra e principio de outra, qual se podia esperar de gente tão bestial e carniceira que vive sem lei nem rei". Era necessario povoar a enseada, fundar uma villa, esmagar o tamoio, expulsar de todo os francezes.

De Portugal, dona Catharina enviou a Estacio de Sá commandando dous galeões armados para, de accôrdo com o seu tio Men de Sá, firmar o dominio da Corôa sôbre as terras do Rio de Janeiro. Na Bahia, a expedição se fortaleceu com mais alguns navios e alguma gente militar. Em Fevereiro de 1565, depois de parar no Espirito Sancto, onde recebeu soccorro valioso de Arariboia, estava Estacio á entrada da barra (31). Mas nada fez sem primeiro mandar a São Vicente um barco com cartas para Nobrega. O jesuita seguiu em 19 de Março ao encontro de Estacio, levando Anchieta comsigo, tendo de caminho visitado os tamoios de Iperoig. O capitão da armada já havia deixado o Rio dous dias antes, cansado de esperar o jesuita. Mas o vento contrario fez com que elle voltasse. Depois de conferenciar com Nobrega, resolveu seguir até São Vicente, afim de receber novos reforços e se preparar devidamente para a empresa. Contavam, escreve Varnhagen, "obter maior numero de combatentes, incluindo já algumas cabildas de gentios das bandas de Ubatuba, novamente atraidos por Anchieta". E eis ahi o motivo por que Nobre tractou de pacificar os tamoios de Iperoig dous annos antes: não só ficaria assegurada a paz na costa vicentina, como tambem se ganhariam soldados para a guerra contra os selvagens do Rio, embora da mesma nação dos de Ubatuba.

Em São Vicente, mais uma vez, se verificou a má vontade, feita de inercia e de cegueira, com que a gente da Metropole zelava pelos seus proprios interesses na colonia. Os officiaes da frota, sob pretextos varios, procuraram demover Estacio da missão para que fôra enviado. E então, mais uma vez tambem, o jesuita se bateu arduosamente pela causa da Corôa contra a incuria de seus representantes.

Nobrega poz-se em campo prégando a guerra. Enquanto os homens da armada cruzavam os braços em Todos os Sanctos, elle corria as povoações e aldeias, quer da costa, quer de serra acima, alliciando soldados, convencendo brancos e indios, arranjando mantimentos. "Finalmente (escrevia An-

(31) Segundo Varnhagen (*Historia Geral*, tomo 1º), Estacio entrou barra a dentro e se apoderou de uma náu franceza. Diz isso, como confessa, baseado em Anchieta. O canarino, porém, refere-se ao acontecimento como se tendo passado depois da volta de São Vicente. E o proprio Varnhagen (l. c., p. 363) torna a falar no caso e dessa vez de accôrdo com as informações de Anchieta.

chietta ao provincial Jacomo Martins), depois de haver muitas contradicções, assim dos povos de São Vicente, como dos capitães e gente da armada, aos quaes parecia impossivel povoar-se o Rio de Janeiro com tão pouca gente e mantimentos, o capitão-mór Estacio de Sá e o ouvidor-geral Braz Fragoso, que sempre resistiram a todos estes encontros e contradicções, determinaram de levar a cabo esta empresa que tinham começado”.

E Nobrega venceu. Em 22 de Janeiro de 1565 Estacio partiu de Sanctos só em sua nau. Braz Fragoso ficou dirigindo o concôrto de um galeão e da nau franceza que se achavam comidos de buzanos. Seguiria mais tarde.

Na ilha de São Sebastião, que attingiu no mesmo dia da partida, o capitão-mór ficou á espera dos soccorros organizados por Nobrega. Consistiam estes em cinco navios, dos quaes tres de remo, e oito canôas, com mamalucos de São Vicente, alguns indios do Espirito Sancto e outros de Piratininga, no total de duzentos homens mais ou menos (32), os quaes contavam com mantimentos para dous ou tres mezes. Anchieta e Gonçalo de Oliveira seguiram com os indios. Embarcados a 27 na Bertioiga, no dia seguinte alcançaram a ilha de São Sebastião. Ahi se dividiram as fôrças. Os jesuitas com a sua gente e os navios menores continuaram viagem “até entrar na ilha Grande, ou Angra dos Reis, onde estiveram muitos dias esperando pela capitanea, a qual teve muitos ventos contra, até não poder aferrar panno como os navios pequenos, e foi forçada a arribar a uma ilha com a verga do tranquete quebrado, e rendido o mastro grande”.

Assim, vencendo obstaculos de toda a especie, ora lutando contra o mau tempo, ora refreando a impaciencia (aliás justa) de indios e mamalucos, ora contrariando desejos indisciplinados dos proprios capitães portuguezes, esperaram os jesuitas á entrada da bahia (do rio, como diz Anchieta e era crença dos reinós) a chegada da nau capitanea de Estacio. Com a vinda desta, a armada entrou a barra. Desembarcaram os portuguezes juncto ao Pão de Assucar e iniciaram sem demora, no ultimo dia de Fevereiro ou no primeiro de Março, os trabalhos de fortificação da Villa Velha, “sem querer saber dos tamoios nem dos francezes, mas como quem entrava em sua terra”. Essa tranquillidade durou pouco. Os tamoios vieram logo dar combate por terra e por mar. Aos poucos foram sendo rechassados e vencidos. No dia 10 de Março, Estacio com quatro navios aprisionou uma nau franceza e defendeu a fortificação lusitana contra nada menos de qua-

(32) Varnhagen, citando a carta de Anchieta, diz por engano 800.

renta e oito canôas tamoias. Essa nau obteve permissão para voltar a Europa, tendo ficado no Rio de Janeiro trinta homens tão sómente, repartidos pelas aldeias indigenas da vizinhança.

Anchieta foi obrigado a deixar a lueta em meio. A 31 de Março, partiu com João de Andrade para a Bahia, afim de ordenar-se padre. De caminho parou, a mandado de Nobrega, no Espirito Sancto, onde visitou a casa da Companhia e as aldeias dos indios.

Recebido na Bahia pelo provincial Luis da Grã o canarino recebeu as ordens sacras conferidas pelo bispo dom Pedro Leitão. De 9 de Julho de 65 é a carta, a que pertencem os trechos acima reproduzidos, escripta ao superior de Portugal. E este, o em que elle narra o estado da lueta quando de sua partida: “Os tamoios andavam se ajunctando para dar um grande combate na cêrca; já havia dentro do rio oitenta canôas, e parece-me que se ajunctariam perto de duzentas, porque de toda a terra haviam de concorrer á ilha, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e abalroarem a cêrca”. E mais adiante: “Si agora se não leva a cabo esta obra, e se abre mão della, tarde ou nunca se tornará a commetter”. A situação, portanto, não era de todo favoravel aos portuguezes. O tamoio ainda parecia indomavel. A tenacidade e a furia com que investia a cêrca, dentro da qual viviam os reinós, prenunciavam, sinão a derrota destes, ao menos uma guerra prolongada e extraordinariamente mortifera.

O que Anchieta escreveu a Jacomo Martins repetiu naturalmente a Men de Sá. Era preciso enviar sem perda de tempo auxilio forte e numeroso ao Rio de Janeiro. O desfecho da lueta dependia disso. Adia-lo era arriscar a empresa. Além da sanha tamoia, não se podia deixar de ter em conta tambem o desanimo que uma lueta prolongada traria aos que combatiam pela Corôa.

A 24 de Agosto de 66 chegou á Bahia o visitador Ignacio de Azevedo, portador de uma patente do geral Francisco de Borja. Em Novembro partiu para o Sul o soccorro, por que se batia Anchieta, sob o commando de Men de Sá, com o intuito de concluir a guerra e fundar no Rio de Janeiro uma cidade. Com Men de Sá embarcaram, além de Anchieta, o visitador Ignacio de Azevedo, o provincial Luis da Grã, o bispo Leitão e os padres Antonio Rodrigues, Balthazar Fernandes e Antonio da Rocha (estes dous ultimos recém-chegados de Portugal com o visitador). Em 18 de Janeiro de 67 fundeou a armada deante da Villa Velha. Dous dias depois, arrazadas as fortificações indigenas de Uruçumirí e Paranapucuí, esta situada na ilha do Gato, ficaram definitivamente os portuguezes senhores daquelle “sitio sempre for-

midaloso a todos os inimigos marítimos”, tendo por sentinellas (nas palavras assombradas e deliciosas de Simão de Vasconcellos), á entrada da barra, “de um, e outro lado, quaes dous gigantes fortes, dous monstruosos corpos de solido penedo, a que chamam Pães de Assucar, que, dando com as cabeças em as nuvens, lavam os pés nas aguas”.

Assim se fundou São Sebastião do Rio de Janeiro. A empresa custou a morte de Estacio, a quem, no cargo de capitão-mór, succedeu Salvador Corrêa de Sá, tambem sobrinho do governador geral.

Com o tamoio vencido, o francez expulso e a bahia povoada, Nobrega triumphava mais uma vez. O genio politico do grandissimo jesuita foi em verdade o esteio forte da lucta. A serviço de seu tino de homem de Estado nem faltavam uma incomparavel visão práctica das cousas, uma actividade incansavel e uma pertinacia invencivel. E José de Anchieta compartilhava a gloria do empreendimento. Foi o auxiliar abnegado e intelligente de Nobrega em todos os passos: em Iperoig, pacificando os tamoios; em São Vicente, preparando a guerra; no Rio de Janeiro, participando da refrega; na Bahia, convencendo Men de Sá.

Estava dominada a praia. São Paulo, investindo o sertão e Rio de Janeiro livre do estrangeiro, ia começar no Sul o alargamento da terra.

NA DIRECÇÃO DAS CASAS DE SÃO VICENTE

Aquelle punhado de jesuitas espalhados pelas casas da Bahia, Ilhéos, Porto-Seguro, Pernambuco, Espirito Sancto, São Vicente e São Paulo (26 em 1555, e 52 em 1564, incluindo nesse numero os ermãos aqui recebidos), vinha realizando milagres na defesa da terra ainda mal descoberta. Seus directores espirituaes e seus verdadeiros mentores politicos, os ignacinos reuniam em suas mãos tal somma de poder que a governança do Brasil lhes pertencia de facto. Entre a incuria da Metropole e a cobiça improductiva dos povoadores, a Companhia, substituindo-se ás auctoridades portuguezas, constituia o unico elemento operante na colonia. Predominava pela habilidade politica, pela intelligencia culta, pela teimosia na acção, pela astucia empregada nos tempos de paz como nos de guerra.

Na desordem do primeiro século, os jesuitas salvaram a unidade da colonia. A vastidão da terra e a carencia de meios de communicacão impossibilitavam qualquer harmonia de vistas entre os governadores das varias capitánias. A’ administração, concentrada na Bahia, escapavam não raro as necessidades prementes das povoações distantes e as providencias pedidas chegavam tarde ou nunca. Além disso, as questiuncululas em que se debatia cada nucleo colonizador afastavam a preocupação do bem commum, na necessidade de occorrer primeiro ás cousas de casa e só depois ás que o interesse geral demandava.

A Companhia, no entanto, zelava por estas vigilante incansavelmente. Apesar de tambem soffrerem as consequencias de um isolamento a que as circunstancias os obrigavam (“passa-se ás vezes muito tempo — escrevia um delles do Espirito Sancto, em 1562, — que nem presencialmente nem por cartas se podem communicar uns com outros como agora

se aconteceu que ha muito perto de dous annos que por aqui não passou algum dos nossos nem veio recado seu por falta de embarcação”), os jesuitas tinham como objectivo unico a conversão do gentio e isso os ermanava indissoluvelmente. Combatiam isolados, mas combatiam o mesmo combate, usando os mesmos meios e collimando o mesmo fim. Aqui e alli, juncto á costa ou terra a dentro, entre portuguezes ou indios, á approximação do perigo tocavam a rebate. E os sinos das egrejinhas dispersas pela colonia tanto chamavam por fieis como por soldados, na lueta de moralizar a terra e mante-la una e indivisivel na posse portugueza.

Por isso mesmo, nada se fazia sem a audiencia e o assentimento da Companhia. Nesse sentido as proprias ordens da Corôa eram terminantes. Terminantes e parciaes. Varnhagen, na *Historia Geral*, expõe o que se resolveu durante o govêrno de Men de Sá com relação ao resgate e captiveiro dos indios. As disposições assentadas foram escandalosamente favoraveis aos jesuitas, cujos interesses se collocaram acima dos dos povoadores. Em beneficio dos padres, além do mais, revertia “o producto das condemnações e penas pecuniarias impostas pelas magistraturas judicial e administrativa, com direito de nomearem o recebedor”. Não é só: recebiam punctualmente os seus ordenados e tinham direito sôbre as terras doadas “ainda que não as houvessem bemfeitorizado.”

Espontaneamente ou não, a verdade é que a Corôa procurava sempre premiar o exfôrço dos jesuitas. Nada mais natural, portanto, que da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, tendo para ella concorrido da maneira que correu, tirasse tambem a Companhia o seu proveito.

E assim aconteceu. Vencidos os tamoios, o visitador Ignacio de Azevedo, Grã e Anchieta deixaram Men de Sá entregue aos trabalhos de edificação da cidade, seguindo para São Vicente com o bispo Leitão. Ahi encontraram Nobrega e de commum accôrdo resolveram logo fundar “um collegio no Rio de Janeiro, na fórma que o serenissimo dom Sebastião desejava, com dotação de até cincoenta sujeitos” (Simão de Vasconcellos). Para esse fim, em Julho de 67, voltou o visitador ao Rio levando comsigo dom Pedro Leitão, Luis da Grã, Nobrega e Anchieta. Men de Sá doou aos jesuitas o sitio por elles escolhido no morro do Castello de São Januario (o melhor sitio da cidade, diz Fernão Cardim) e lhes concedeu em nome da Corôa a renda annual de dous mil e quinhentos cruzados para sustento do Collegio. Este foi construido á custa da Companhia e á sua frente, bem como das casas de São Vicente. São Paulo e Espirito Sancto, ficou Manuel da Nobrega, auxiliado por Anchieta e apesar da doença que muito o combalia e o havia de levar mais tarde.

Da donataria vicentina desmembrou-se a nova capitania, tendo por limite meridional as barrancas do rio Pirahí, continuando, porém, a parte do littoral desde Cabo Frio até Paratí a pertencer á de São Vicente.

O canarino pouco tempo se demorou no Rio de Janeiro. Em 1569 se achava de novo em São Vicente, como reitor do collegio e superior das casas a elle annexas. Escrevendo a São Francisco de Borja, em 10 de Julho de 1570, nomeava os religiosos de São Vicente e Piratininga. Na costa eram cinco: Anchieta, Affonso Braz, Adão Gonçalves, Balthazar Fernandes e Manuel Viegas. No planalto, cinco tambem: os padres Vicente Rodrigues (superior), Manuel de Chaves, Antonio Gonçalves, Simão e o ermão João de Sousa.

Como reitor de São Vicente, Anchieta continuou a exercer a função ingrata que elle mesmo definiu nestas palavras, dictas do pulpito da igreja de Sanctos: “Eu sou cão da casa do Senhor; não hei de deixar de ladrar”. Assim, ladrando contra a imprevidencia, a desordem e a devassidão dos reinões, accudindo ás necessidades da catechese em Piratininga, em Itanhaen, nas aldeias indigenas, regendo o ensino em São Vicente, prégando em Sanctos, passou o canarino sete annos. E taes eram os serviços por elle prestados que, eleito em 73 para dirigir o collegio do Rio de Janeiro, o provincial Ignacio Tolosa resolveu deixa-lo em São Vicente, “por se assentar que era importante, e mais do serviço de Deus sua assistencia” na então donataria de Pero Lopes de Sousa.

Em 1572, morto Men de Sá, a Corôa dividiu a colonia em dous Estados: o do Norte, tendo por séde a Bahia; o do Sul, São Sebastião do Rio de Janeiro. O conselheiro Luis de Brito d'Almeida foi incumbido do govêrno do primeiro e o desembargador Antonio Salema veio de Pernambuco dirigir o segundo. Ambos tractaram logo de sujeitar os indios rebeldes, cuja hostilidade perturbava o progresso das capitancias e impedia aos reinões as entradas pelo sertão á procura do ouro.

Resolvido por Salema o exterminio dos tamoios de Cabo Frio, onde os francezes haviam installado uma feitoria, de São Vicente partiu em 1574 o capitão-mór Jeronymo Leitão á frente de numerosa gente armada. Mais uma vez os vicentinos iam em soccorro do Rio de Janeiro, evitando o desmembramento da colonia.

Na *Vida de Anchieta*, Simão de Vasconcellos dá noticia de outra expedição, anterior á do Cabo Frio, tambem contra o gentio tamoio a certo logar do sertão. E é de presumir que, além dessas duas, outras se fizeram.

A febre do ouro que empolgava a Corôa não era menor nos povoadores de São Vicente. Já Braz Cubas e Luis Martins

em 1560 haviam percorrido o sertão atrás do minerio. E provavelmente, como pensam Pizarro e Vieira dos Santos, antes de 1580 já se exploravam pequenas manchas auríferas no littoral sul-paulista, jazidas essas descobertas pela bandeira do alemão Heliodoro Eobanos e da qual participaram, entre outros, seu filho Gibaldo e Sebastião Teixeira (Affonso d'E. Taunay).

Os indios punham a cada instante em sobresalto não só os habitantes da costa como os de Piratininga. No que eram ajudados, não raro, pelos proprios reinões dissidentes ou foragidos. Em 1570 (diz Simão de Vasconcellos), na villa de São Paulo "dous homens, um delles nobre, e conhecido por nome Domingos Luis Grom, ambos casados, e ambos com familia, depois de matarem um seu contrario e commetterem outros insultos, porque temiam ser castigados gravemente, tomaram resolução prejudicial, fugindo com suas familias para o sertão, e mettendo-se de companhia com os barbaros, que estavam com os nossos em guerra, estimulando-os a que commettessem, e pondo em assombro, e medo toda a capitania" (*Vida de Anchieta*). O canarino tractou sem demora de conjurar o perigo. Obteve dos camaristas de Piratininga um salvo conducto e perdão áquelles delinquentes e desceu o Anhembí em companhia do padre Vicente Rodrigues, do secular Manuel Velloso e de varios indios, um dos quaes fiel sôbre todos tinha por nome Araguaçu. A canôa, proximo do logar onde se achavam os dous portuguezes, caiu de repente do alto de uma cachoeira, que tinha o rio, fazendo-se em pedaços, e sepultando a todos no profundo das aguas. Todos vieram á tona e alcançaram a nado a terra, menos Anchieta, ignorante daquelle exercicio. Salvo por Araguaçu, quer a lenda tenha o jesuita saído do rio "com seu breviario enxuto, depois de haver estado por mais de meia hora no fundo das aguas, sem que jámais perdesse o sentido, cuidadoso de tres cousas (como elle dizia) de Jesus, Maria, e de não beber agua" (33). Fosse como fosse, Anchieta acalmou os indigenas e voltou para Piratininga trazendo os criminosos arrependidos.

(33) Machado d'Oliveira refere-se a esse naufragio como se tendo verificado por occasião da expedição de 1561, em que tomou parte Anchieta, contra os selvagens do Anhembí. E esclarece: "Parece que a expedição navegou o Tietê além de Porto Feliz; e esta supposição funda-se em que acima dessa cidade ha nesse rio a cachoeira Avaremandoava, que quer dizer "cachoeira do padre", e, segundo a tradição, esta denominação significa o facto de haver alli naufragado a canôa em que ia Anchieta, tirando-se este do rio quasi sem vida."

Os jesuitas, portanto, na obra de pacificação e cohesão da colonia tinham de lutar tambem contra a propria gente portugueza, que, não contente em despertar contra si mesma o odio justo do indigena, chegava ao ponto de se mancomunar com este, incitando-o a destruir os primeiros povoados civilizadores.

Mas, entre todos os serviços prestados á catechese pelo reitor do collegio de São Vicente, nos annos então vividos na capitania, avulta sem dúvida, pela sua importancia, a conversão dos tapuias maramomís.

Num estudo calçado sôbre os inventarios bandeirantes, ainda inédito, Alcantara Machado resume o pouco que se sabe acêrca da zona occupada por esses indios. E harmonizando as opiniões de Machado d'Oliveira e Theodoro Sampaio, suggere fosse ella a que se estende "desde o mar até a vertente occidental da Mantiqueira". Hypothese que encontra apoio nestas palavras de Simão de Vasconcellos: "Entre estes (tapuias) ha uma nação a que chamam maramomís, que habitam especialmente a capitania de São Vicente, e se estendem por uma parte duzentas leguas para o sertão, e para outra chegam á capitania do Espirito Sancto, quasi outro tanto".

Indios de costumes menos barbaros, no dizer dos chronicistas, pois não comiam carne humana, tinham em geral uma só mulher e se diziam amigos e parentes dos portuguezes. Fallavam ademais "lingua facil de aprender aos que sabem a geral da terra". De catechização facil, portanto, si não fosse o seu nomadismo, aquelle "andar sempre pelos mattos feitos caçadores do que hão de comer". Não tendo creações e cuidando pouco das "roçarias de legumes, milho, aboboras, mandioca", viviam assim á maneira de animaes silvestres, em constantes migrações, já nas vizinhanças da costa, já terra a dentro por brenhas e serras.

Ao acaso de suas peregrinações ou com o intuito certo de entrar em contacto com os reinões, varios desses indios "appareceram uma hora na praia da fortaleza de Bertioga, quatro leguas da villa de Sanctos, entraram pela porta della, foram levados ao capitão, e logo aos padres do collegio". Um delles já era conhecido de Anchieta que o livrara da morte, quando ermão em Piratininga, e conseguira dos selvagens que o haviam captivado fosse vendido a um portuguez, que o tractava bem. Apesar disso, "fugiu para os seus, onde esteve vinte annos, sem mais haver memoria d'elle".

Bem recebidos pelos vicentinos, entre estes passaram os miramomís algum tempo. Tornados ao matto, logo depois voltaram a visitar os reinões "com bôa cópia de gente,

homens, mulheres e meninos, sem medo algum, pelo grande desejo que tinham de commerciar com os portuguezes". Anchieta, Manuel da Viegas e Jeronymo Leitão deram-lhes, na Bertioga, terras em que vivessem. Ahi o canarino passou quinze dias, edificou uma igreja e por meio de um interprete fez boa parte de um vocabulario, e arte da lingua maramomi. Tornando Anchieta a São Vicente, na egrejinha da Bertioga (certamente aquella mesma capella de Nossa Senhora da Conceição dos Maramomís, de que fallam os inventarios bandeirantes) ficou o padre Manuel da Viegas incumbido dos trabalhos da catechese. Aos poucos e luctando não só contra o "natural desta nação, o ardar de matto em matto á caça, frutas e mel silvestre" como tambem contra o parecer de seculares e religiosos, para os quaes persistir na conversão dos ariscos maramomís, "era deixar a caça que se vinha ás mãos, e andar buscando a que foge, e que alcançada é necessario mette-la em prisão", o jesuita conseguiu localizar os indigenas em grandes aldeias, já "nos termos de São Vicente, já especialmente nos campos fertéis de Piratinirga, e mesmo nos termos do Rio de Janeiro", onde, muitos e muitos annos depois, ainda viviam elles "debaixo da doutrina dos padres da Companhia, cultivando e lavrando a terra a modo politico, com os mais indios domesticos".

De São Vicente, Anchieta vinha sempre em visita aos maramomís da Bertioga. E Simão de Vasconcellos, que nesse como em outros successos da vida de seu biographado segue quasi palavra por palavra Sebastião Beretario, louvando a obra de catechese iniciada por Viegas e continuada por Pedro Gouvêa, acrescenta: "porém de tudo foi principio o espirito incansavel de Joseph, que todas as nações abarcava".

Muito provavelmente dirigiu o canarino o collegio de São Vicente e as demais casas da capitania até 1576, quando prestou sua profissão de quatro votos. Apesar disso, ainda permaneceu em São Vicente por mais de um anno.

Em 1577, deixando a sua amada capitania de São Vicente, em companhia de Ignacio Tolosa, para na Bahia dirigir o collegio e logo após receber do geral Mercuriano o provincialato do Brasil, José de Anchieta levava no corpo as feridas de seu apostolado: as costas curvas, os pés chagados das caminhadas longas e difficeis, as mãos que sustentavam o bordão de peregrino maltractado por tantos officios rudes, tudo isso envolvido e realçado por aquella humildade e aquella espirito de sacrificio que sempre assombraram os seus contemporaneos. O operario se retirava alquebrado. Ficava a obra que, si não o orgulhava já que orgulho não tinha, havia de santifica-lo primeiro na religião para depois

ernobrece-lo na historia. A transformação operada no Sul da colonia, nos vinte e poucos annos em que o canarino ahi penara, não era empresa exclusivamente sua. Mas nada se fez sem elle. Na fundação de São Paulo, na fundação do Rio de Janeiro, na fundação das aldeias indigenas, na pacificação, na conversão e na sujeição dos indios, no ensino, na catechese, nas missões, nas entradas terra a dentro, na administração da capitania, na lucta contra os males da terra, contra os vicios da gente, contra os assaltos do estrangeiro, na ligação da costa ao planalto, na conquista do sertão pelo planalto, em tudo, com a acção, com a palavra, com a penna, com o exemplo, participou com uma fé só comparavel em vigor á dedicação que a serviu.

A posse portugueza consolidada e a obra de expansão preparada, Anchieta podia partir. Durante vinte annos continuaria ainda o seu apostolado. São Vicente, porém, guardava o melhor de sua vida. Como aquelle *celestes fuoco* da piedade que elle, no entusiasmo rhetorico de Longaro Degli Oddi, accendia para que *più non dovesse estinguersi in tutti gli anni a venire*, o periodo de sua estadia em São Vicente foi gasto com tanta abnegação e marcado com tanto trabalho pela obra colonizadora que tres séculos e meio não bastaram para diminuir-lo na admiração dos homens. A capitania o incorporou á sua propria historia como a melhor maneira de immortaliza-lo.

AS ÚLTIMAS VISITAS DE 79, 85 E 94

Partindo de São Vicente em 1577, José de Anchieta não se despediu para sempre da capitania. A ella ainda voltou tres vezes, pelo menos em 79, 85 e 94. (34)

“De Piratininga, hoje domingo 15 de Novembro de 1579”, elle escreveu ao capitão-mór Jeronymo Leitão, annunciando a sua ida para São Vicente com quinze ou dezeseis indios, entre os quaes Cairobaca, armados de arcos e frechas: “Faço conta de partir terça-feira com elles por agua, e até sexta ou sabbado ser no Cubatão com ajuda de Nosso Senhor”. Ao mesmo tempo Antonio Macedo e seu ermão João Fernandes seguiriam com o mesmo destino pelo “caminho velho da Borda do Campo”, á frente de vinte mancebos. Anchieta havia subido até Piratininga com o intuito de arranjar gente para uma viagem que preparava. Naturalmente ao Rio de Janeiro ou a qualquer poncto da costa vicentina.

A carta é pequena e dá poucas noticias da villa. A mais importante é que “Domingos Luis estava acabando a igreja. “Já lhe dissemos missa nella com muita festa”, acrescentava Anchieta. Sem dúvida, o canarino se referia á capella Nossa Senhora da Luz no Piranga, mais tarde transferida para o bairro do Guaré ou Guarepe, conforme consta da escriptura de doação de 10 de Abril de 1603, feita pelo Carvoeiro e sua primeira mulher dona Anna Pimentel.

(34) Na carta, reproduzida em *fac-simile*, no volume das conferencias do tri-centenario e escripta da Bahia, em 7 de Junho de 1578, Anchieta annunciava sua visita a São Vicente “para o Outubro seguinte”. Parece provavel que Anchieta tenha partido para o Sul na data prevista para a chegada a São Vicente, pois nesse mesmo anno ha quem mencione sua passagem pelo Espirito Sancto (dizendo aliás Agosto). Certo é que em 79 estava em São Vicente.

Em Janeiro de 85, tendo saído do Rio de Janeiro, depois do dia de Reis, e após seis dias de viagem, voltou Anchieta a São Vicente mais uma vez em companhia do visitador Christovam de Gouvêa e do padre Fernão Cardim. A missão, de que faziam parte oito padres e quatro irmãos, partira da Bahia em Novembro de 84, com destino ao Sul da provincia. Já havia tocado no Espirito Sancto e no Rio de Janeiro.

O visitador e seus companheiros foram recebidos por Jeronymo Leitão (que pela segunda vez se achava á testa da capitania) "com os principaes da terra". O padre Pedro Soares, superior da casa fundada em Sanctos por Anchieta, "veio pelo rio duas leguas com outro padre, chegando á villa já de noite". Logo no dia seguinte, "depois de jantar, — informa Cardim, — partimos para São Vicente, e caminhando tres leguas por um grande e formoso rio cheio de uns passaros vermelhos que chamam Guará". A' noite chegaram os padres ao collegio de São Vicente.

Dias depois, numa segunda-feira, com a intenção de estarem em Piratininga a 25 de Janeiro, deixaram os jesuitas São Vicente. Viajaram "duas leguas por agua e uma por terra", dormiram ao pé da serra e no dia seguinte após caminharem "até ao meio-dia" alcançaram o alto do Paranapiacaba e passaram a noite "juncto a um rio de agua doce". Viagem penosissima: a escalada da serra foi feita por um trilho "tão ingreme que ás vezes iamos pegando com as mãos" e já no alto "o caminho é cheio de tijucos, e peor que nunca vi", confessa o auctor da *Narrativa epistolar*. Todo o terceiro dia, nevegaram "por um rio de agua doce, deitados em uma canôa de casca de arvore, em a qual além do fato iam até 20 pessoas".

A entrada em Piratininga, no dia 24, foi solenne. A tres leguas de distancia, os padres, que, desembarcados de vespera, haviam pernoitado na casa de um devoto hospitaleiro, viram vir a seu encontro os principaes da villa, mais ou menos vinte, montados em seus "ginetes, que os têm bons". Os padres cavalgaram tambem e todos junctos chegaram "a uma cruz, que está situada sôbre a villa, adonde estava prestes um altar debaixo de uma fresca ramada, e todo o mais caminho feito um jardim de ramos".

Christovam de Gouvêa e Fernão Cardim presentearam a igreja dos Jesuitas com "uma cruz de prata dourada com o Sancto Lenho" e com varias reliquias, entre as quaes se destacava, "a dos sanctos Thebanos". Para isso se organizou uma procissão entre danças dos "homens de espadas e dos meninos da eschola", que "todos iam dizendo seus dictos ás sanctas reliquias".

Só em fins de Fevereiro, voltaram os padres ás villas no mar, com excepção de Cardim, que ainda por varios dias se deixou ficar em Piratininga.

Do que era então a villa de São Paulo do Campo, o mesmo Cardim nos dá uma descripção detalhada e pittoresca e que em muitos pontos coincide com a informação de Anchieta, de Dezembro de 85, como já observaram Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Seus habitantes, "cento e vinte vizinhos com muita escravaria da terra" vestiam-se "de burel, e pelotes pardos e azues, de pertinas compridas". Aos domingos frequentavam a igreja "com roupões ou berneos de cacheira sem capa". A casa dos jesuitas, onde viviam quatro padres e dous irmãos, era *bem accommodada*, tendo, além das officinas, "um corredor e oito cubiculos de taipa (oito camaras, de sobrado forradas" diz Anchieta), "guarneecida de certo barro branco". No claustro havia "um poço de boa agua". Os padres cultivavam em sua cêrca "marmelos, figos, laranjeiras e outras arvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas, cecem, ervilhas, borragens e outros legumes da terra e de Portugal". A casa se sustentava "de esmolas muito bem por a terra ser abastada, excepto que o vestido, vinho, azeite e farinha para hostias lhe dá o collegio do Rio".

Em tôrno se agglomerava a casaria baixa da villa. A terra fertil e saudavel, "aonde vivem os homens muito, maxime os velhos" (em quatro junctos e vivos Cardim contou quinhentos annos), possuia pastagens excellentes com "bois, porcões, cavallos", etc. Os povoadores cultivavam a uva em grande escala e faziam vinho que bebiam "antes de ferver de todo". O trigo e a cevada medravam nos campos com tanta facilidade que "um homem semeou uma quarta de cevada e colheu sessenta alqueires". As pinhas e os pinhões eram maiores que os do Reino. A industria da marmelada prosperava. Das rosas de Alexandria se fazia "assucar rosado para mézinha e das mesmas cozidas deitando-lhe a primeira agua fóra se obtinha assucar para comer e fica soffrivel". Nos matos e nos campos cresciam figueiras, amoreiras, romanzeiras, bredos, almeirões bravos, beldroegas, mentrastos, não fallando nos fétos da "altura de uma lança se os deixam crescer".

As duas aldeias indigenas mais proximas e prósperas, São Miguel e Pinheiros, abrigavam mil pessoas.

Piratininga, finalmente, agradou tanto a Fernão Cardim que o jesuita resumiu sua impressão com o maior elogio que poderia occorrer a um portuguez: "Enfim esta terra parece um novo Portugal".

E' verdade que o elogio era todo elle á terra. O habitante, esse, apesar das festanças com que foi acolhido o vi-

visitador em Piratininga e daquellas lagrimas copiosas com que mulheres e homens se despediram de Fernão Cardim e que tanto o confundiram, não podia merecer, de um jesuita ao menos, palavras de igual entusiasmo. O motivo está patente nas actas da Camara piratiningana de então, que Affonso d'E. Taunay resumiu e commentou no seu ensaio de reconstrução, *São Paulo nos primeiros annos*. O espirito de independencia, que se póde dizer herdado de João Ramalho, armava os camaristas de São Paulo contra todo e qualquer poder extranho, fosse elle o da Corôa ou o da Companhia. Desrespeitavam-se acintosamente as ordens da Metropole. E os jesuitas, que aquella protegia, perdiam terreno a olhos vistos. A insolencia dos reinóes e mamalucos de São Paulo, cujo contacto com o exterior era quasi nullo, criava na villa do planalto um regime social de absoluta autonomia. Os piratininganos queriam se governar por si mesmos. Luctando sózinhos contra o sertão, que se defendia com as febres, não menos temiveis que os selvagens, atiravam-se á escravatura num impeto que as leis da Metropole, inspiradas pelos jesuitas, em vão procuravam refrear. De Portugal pouco ou quasi nada recebiam. Pois bem: sem Portugal ou ainda se preciso fosse contra Portugal, haviam de viver e prosperar de accôrdo com as circumstancias de momento e as necessidades do meio.

Fernão Cardim não diz, mas certamente a Christovam de Gouvêa apresentaram os camaristas graves queixas contra os jesuitas. Em 1583, a Camara havia resolvido pôr o visitador, quando viesse a Piratininga, a par da demolição feita pelos padres, a exemplo de outros moradores, de um trecho do grosseiro muro de taipa que cercava a villa. E não foi esse talvez o unico protesto recebido por Christovam de Gouvêa contra os ignacinos. Porque o indio era um motivo permanente para discordias. Embora a lucta entre jesuitas e paulistas ainda não tivesse explodido violentamente, já se esboçava em 1585. Com os pretextos que se accumulavam os odios se iam accendendo. Mais tarde andariam á solta e só se aplacariam com a expulsão dos padres.

Apesar de pobre e isolada, com a sua vida municipal ainda desorganizada, a casa da Camara em ruinas e sem ao menos possuir uma cadeia, São Paulo do Campo já tomara a deanteira entre todas as povoações da capitania. Com os seus cento e vinte fogos de portuguezes (Simão de Vasconcellos e Anchieta) ou mais (Fernão Cardim) e os mil indigenas aldeados de São Miguel e Pinheiros, representava o maior effôrço de civilização no extremo sul da colonia. Em Sanctos não se contavam mais de cem vizinhos (Simão de Vasconcel-

los e Anchieta) ou oitenta (Fernão Cardim). São Vicente, em accentuada decadencia, abrigava apenas cincoenta fogos de portuguezes (Simão de Vasconcellos e Anchieta) ou no maximo cem (Fernão Cardim). Itanhaen não possuia sinão trinta (Simão de Vasconcellos) ou cincoenta (Fernão Cardim).

Só de tarde em tarde aportava um navio a Sanctos. E por isso, explica o auctor da *Narrativa epistolar*, a gente de São Paulo andava muito necessitada de roupas.

Comercio pouco e muita desordem, organização social ainda indefinida, vidinha monotona que as intrigas e tricas de aldeia só de vez em quando agitavam por instantes, a capitania parecia definhar cada vez mais numa modorra que a descida dos indios e a procura das pedras haveriam no entanto de quebrar em breve, transformando a antiga donataria de Martim Affonso no nucleo de maior actividade da colonia.

Em São Vicente, sitio "mal assombrado", pouco trabalho tinham os padres: tão sómente aos domingos a igreja conseguia attrahir alguma gente. A villa decaída. Sanctos, graças a seu porto, condensava a operosidade da costa. Por tudo isso, decidiu Christovam de Gouvêa, levando avante antigo projecto de Anchieta, transferir para a villa de Braz Cubas a casa jesuitica de São Vicente. As obras iniciadas pelo canarino foram abandonadas. Com o assentimento do povo, o capitão-mór Jeronymo Leitão e os camaristas resolveram doar aos padres, e o fizeram por escriptura de 26 de Março de 85, a casa do conselho e a cadeia "para nellas morarem como cousa sua propria". E' que o edificio da Camara ficava no centro do sitio marcado pelo ermão Francisco Dias, no qual devia ser levantada a nova casa da Companhia, e sem elle os padres "não podiam fazer suas obras", para as quaes, aliás, contribuíram os moradores com suas esmolos. O sitio e as casas, no parecer de Fernão Cardim, valiam quinhentos cruzados.

Consentindo nessa doação, os sanctistas se comprometteram a fazer "outras casas de cadeia e conselho nos chãos que foram de João Fernandes de Brum, defunto, por ser logar mais accommodado para nellas estarem as dietas casas e cadeia, por estarem juncto da praça". Assim se conciliaram os interesses da administração e da Companhia.

De Sanctos partiram o visitador e seus companheiros para Bertioga, onde estiveram dous ou tres dias "esperando tempo, servidos de muitos e varios peixes". E dahi continuaram viagem para o Rio, onde chegaram no "sabbado de dominica in passione" e pouco tempo pararam. Em companhia de Ignacio Tolosa e alguns ermãos demandaram logo a Bahia, tendo gasto na viagem, que foi penosa, nada menos de trinta e dous dias.

Ainda uma vez, em 94, tornou Anchieta á capitania de São Vicente por ordem do provincial Beliarde. Dessa visita bem como da que fez na mesma época ao Rio de Janeiro, já de volta ao Espírito Sancto, elle enviou uma narração ao geral Aquaviva, datada de 7 de Septembro de 1594.

“Na capitania de São Vicente (escrevia o canarino) permanece o padre Pedro Soares que agora lá fez profissão dos quatro votos, com muita consolação sua e lagrimas dos extranhos que se foram até ella. Com elle fica o padre Domingos Ferreira por superior de uma daquellas casas. Exercia bem seus ministerios elle, e seus companheiros, assim com os portuguezes como com os indios brasis; muito embora estes, como a capitania por uma parte foi saqueada pelos inglczes e por outra parte se levantaram os brasis do sertão e mataram alguns homens, não têm a quietude desejada para a doutrina, muito embora sempre se visitam, confessam e ouvem missa e recebem os demais sacramentos, com não pouco trabalho dos nossos, que são poucos para acudí-los a elles, aos portuguezes e aos escravos.”

Quasi nada, dizia, portanto, Anchieta sôbre o estado em que encontrou a capitania. Mal se referia aos saques de Cañvendish e vagamente alludia a um levante dos indios.

No entanto, não eram de pequena importancia para a vida da capitania esse acabar do século do descobrimento. Jeronymo Leitão já havia regressado de sua incursão contra os carijós, attingindo Paranaguá e assolando as aldeias do Anhembi. E é possível que o levante a que se referia Anchieta fosse um resultado, embora tardio, dessa investida do ex-capitão-mór.

Além disso, no mesmo anno da estada de Anchieta em São Vicente, Jorge Corrêa, que substituiu Jeronymo Leitão no govêrno da capitania, iniciou “uma grande entrada contra carijós e tupinaés sob a pressão constante da Camara de São Paulo que o ameaçava de responsabilização si não tomasse armas contra os indios” (Affonso d’E. Taunay). Ameaçava-o porque (e neste ponto a informação de Anchieta é confirmada por Pedro Taques) os indios haviam assediado a villa piratiningana.

Era o cyclo feroz da caça ao indigena que começava e de então em diante, com as bandeiras de Manuel Sueiro, João Pereira de Sousa Botafogo, Domingos Rodrigues (desmembrada daquella), Martim de Sá (partida do Rio de Janeiro), ganharia cada vez mais em violencia e audacia, devassando as terras do sertão paulista e pondo assim a villa ao abrigo “de uma possível investida triumphante dos indios” (Affonso d’E. Taunay).

O ouro tambem já tinha seus exploradores e exploradores felizes como os dous Affonso Sardinha e Clemente Alvares.

Em São Vicente principiava a condensar-se a vida da colonia naquelle final do século XVI. Baptizada com tanto sangue e crescida em meio de tantas tormentas, a villa jesuitica já se firmava no chão de Piratininga, desafiando o sertão. A Companhia a tinha “edificado em dura pedra, como a propria igreja” (Paulo Prado). Segura de sua fôrça, podia tentar agora a descoberta da terra.

Por tudo isso, o missionariõ que de volta ao Espírito Sancto se confessava, “apesar de velho e mal disposto”, desesperançado de ter “descanso nesta peregrinação”, podia buscar um consôlo para as suas afflicções na lembrança do chão, cujos espinhos guardavam os pedaços maiores de sua roupea. E não é possível exprimir a admiração que provoca a obra levada a cabo por elle em São Vicente sinão á maneira daquella pergunta de assombro que o curumim da aldeia de Nossa Senhora da Conceição atirou a Christovam de Gouvêa: *Pai, marápe guarini-me nde pó peço arí?* (35) Porque, trezentos e cincoenta annos depois, indagação egual salteia o espirito de quem estuda a acção de Anchieta em São Vicente, no espanto que produz aquella peregrinação de tantos annos de lueta e trabalho com mãos que, embora desarmadas, sempre construíram a victoria.

(35) Rodolpho Garcia corrigiu e traduziu a phrase do curumim. E' esta a versão litteral: *Padre, como na guerra vais com tuas mãos varias?*

APPENSO

(Trecho de uma carta de José de Anchieta
escripta ao geral Bainez, do Collegio
de São Vicente, a 1 de Junho de 1560.)

TRECHO DE UMA CARTA DE JOSÉ DE ANCHIETA ESCRIPTA AO GERAL
LAINEZ, DO COLLEGIO DE SÃO VICENTE, A 1 DE JUNHO DE 1560

...Una torre muy proveida de artilleria y fuerte de todas partes, onde se dezia ser mādados por el Rey de francia à se enseñorear de aquella tierra. Todos estos eran herejes, a los quales mando Juan Calvino dos, a q. ellos limã ministros, para q. les enseñassem lo que se avia de toner e eseer. Day a poco tiempo (como es costumbre de los herejes) começarõ à tener diversas opiniones unos de los otros, mas cõcordarõ enesto, q. escreuiessen à Calvino, y aotros letrados, y lo q. ellos respondiessen, esso teruian todos. E neste medio tiempo uno dellos enseñado en las artes liberales, griego y hebraico, y muy uersado en la Sagrada escriptura, o por miedo de su capitan, q. tenia diversa opiniõ, o por querer sembrar sua errores entre los Portugueses vinose aqui cõ otros tres compañeros Idiotas, los quales como huèspedes y peregrinos fuerõ recebidos y tratados muy benignamente. Este q. sabe bien la lengua Español començo luego à blasonar q. era hidalgo, y letrado y cõ esta opiniõ, y una facil y alegre couersatiõ q. el tiene, hazia espãtar los hombres, y q. lo estimassen. E serivio tambien una breve carta al Padre Luis de Grana, q. entõces estava en Piratininga, en la qual le daba cuenta de quien fuesse, y lo q. auia aprendido. Diciendo, q. despues q. el moderador de su adolescentia uarõ singular lo auia metido en las manos de los Pierides (?), y ouiesse bebido de la fuente caballina amenissimos arroyos de sabiduria, se auia passado al studio de la sacra teologia y diuina scriptura, lo qual para mas facilmente poder alcãsar, auia aprendido la lengua sacra, esta es la hebrea, de los mesmos Rabbis, de los quales auia oydo muchos secretos, los quales platicaria cõ el Padre, quando se uiessen. Estas cosas quasi comprehendia el en su epistola, la qual cõcluyo (?) cõ un disticho. No se passarõ muchos dias, quando el començo à

regoldar de su estomago lleno el hedor de sus errores, diciendo muchas cosas de las imagines de los sanctos, q. aprueua la Sancta Iglesia, del Sacratissimo cuerpo de Christo, del Romano Põtifice, de las indulgentias, y otras muchas cosas, las quales el adobaua cõ un cierto sal de gratias, demanera q. al paladar del pueblo ignorãte nõ solamente no parecian amargas, mas aun muy dulces. Sabiendo esto el Padre Luis de Grana, vinose luego de Piratininga a se opponer a la pestilentia, y arrancar las raizes au tienras deste mal, q. começaua à brotar. Teniendo al recelo desto, y no sin fauorecedor, fartasse para indignar, el padre contra sy, y hazerle sospecho, si por ventura demitiesse del, mandole luego una inactiva, cuyo principio era este: Adeste mihi Cellites, afferte gladios ancipites ad faciendam vindictam in Ludovicum Dei osorem, etc., en la qual lo accusaua y reprehendia muy agramente, porq. no partia el pan de la doctrina a los Portugueses por trabaiaer en la cõuersiõ de los infieles, y deste tener amõtono otras muchas cosas, con las quales le parecia q. se exasperaria el padre. Mas el padre, que trataba la causa de Dios y no la suya, teniendo mas respecto a la cõmun salud de todos, q. a sua propria, fuesse a el vicario, requiriendole, que no dexasse ir por delante esta ponçonha Lutherana, y en los sermones publicos amonestaua al pueblo, q. se guardasse destes hombres, y de los libros q. puxarõ, q. eran llenos de herejias. Mas el vulgo imperito en frequentes platicas loauan a el frances, marauillavanse de su sabiduria y eloquentia, y predicauan el conoscimiento q. tenia delas artes liberales: y por el cõtrario calumnian al padre Luis de grana, diziendo, q. enoiado por la inactiva q. le mandara, lo persiguia. Para q. es mas, y vase ya la pestilentia poco a poco encaxando en los coraçones incautos de la imperita multitud, q. no ay dudas sino que se ouieran de inficionar muchos cõ esta poçonha mortal; sino ouiera quien le reistiera. Tanto valio derepente su authoridad para cõ todos, que muy facilmente diminuyo la opiniõ del Padre, a quien todos tenian en mucha reputatiõ por su exemplo de vida y doctrina singular. Despues desto lo mandarõ à la Baya, para q. alla se conociesse de la causa mas largamente, lo que alla, y aca se hizo acerca del, porq. por cartas particulares se sabia, y no es cosa, q. cõvenga para carta general, lo callare. Solamente dire, q. se trato la cosa demanera, q. terra V. P. ocasiõ de gran dolor considerando, quam poco caso se hizo entre los Christianos fieles de la causa de la fe.

Deste supo el gouernador la determination de los franceses, y con naos armadas vino à combatir la fortaleza, daqui se fue socorro en nauios y canoas, nosotros dimosle el acos-

tumbrado socorro de orationes, y ultra de las particulares, q. hazia cada uno, se dezian cadadia unas litanias en la iglesia acabada la missa, tambien se mando daqui un padre con un hermano interprete a ruegos del gouernador para q. se occupassen en cõfessar los Soldados, y enseñar, y enseñar los Indios q. cõ el auian venido. Dalla torno el hermano muy doliente de fiebres y camaras de sangue, por el mucho trabaio y frio, q. alla passo, mas en breue por la diuina bondad sano.

En la fortaleza muy fuerte assi por la naturaleza y sitio del lugar toda cercada de peñas a la qual no se podia ir sino por una subida muy estrecha, y alta por rochas, como la mucha artilleria, armas, alimentos, y grande muchedumbre de Barbaros, que se via, demanera q. a juicio de todos era inezpugnabile. Acometierõla cõ todo esto por terra y por mar cõfiados mas en el poder diuino, q. enel suyo proprio, defendianse los franceses con los enemigos, fue una grande y cruel pelea de ambalas partes, murierõ muchos, y mas de los nuestros, vino la cosa à tanto q. ya se vian perdida la esperanza de victoria, y tomauan cõseio como se podrian embarcar a sy e a los tiros q. serian en tierra sin peligro, lo qual cierto ellos no pudieron hazer sin morir muchos. Mas autiendo ellos acometido esta cosa tan ardua, y al parecer quasi de todos temeraria por la justitia q. fe ayudolos el Sñor de los exercitos, y quando ya en las naos no auia poluora, y los q. peleauõ en tierra desfallecian ya por el mucho trabajo, huyerõ los franceses desamparando la torre, y recogierõse a las plobaciones de los Barbaros en canoas, demanera q. es de creer, q. mas huyerõ cõ el espanto, q. les puзо el Sñor, q. cõ las fuerzas humanas. Tomose pues la fortaleza, en la qual se hallo grande copia de cosas de guerra y mantenimientos, mas crux, o alguna imagen de Sancto, o señal alguno de catholica doctrina no se hallo, grande muchedumbre de libros hereticos, entre los quales (si por ventura esto es señal de su recta fe) se hallo un missal cõ las imagines roidas. Socorra el Sñor a sus ouejas.

Con el gouernador vino el Padre Manuel de nobrega muy doliente y magro, cõ los pies y cara inchada, las piernas llenas de postemas, y cõ otras muchas enfermedades, de las quales como aqui llego, se començo à hallar mejor, esperamos en la bondad del Sñor, q. poco a poco le ira dando salud. Los hermanos tãbien adolescen alas vezes, mas en breue tiempo cõualescen, los quales cõ entender cõ la salud de los proximos, mucho mas trabaian por la suya, sirviendo al Sñor en alegria, dandose a los solitos exercitios de oratiõ, obediencia, e humildad, y exhortandose con mutuas platicas à la vir-

tud. La maior parte esta siempre en Piratininga onde algunos hijos de los Portugueses aprenden gramatica, aqui estan siempre dos Sacerdotes. El Padre Luis da grana no tiene assiento firme, por meior acudir à todos, aora esta en Piratininga, onde ay muchos Portugueses cõ toda su familia, y ay, y en otros lugares vezinos trabaia en la doctrina de los Indios, aora aqui, y en otros lugares al derredor procurado el provecho special de los Portugueses y sus esclavos. Poco a q. recibio cartas, en q. le se encõmendaua el cargo desta prouincia, la qual el dixo alos hermanos, llamandolos todos à la iglesia, y mandandolos sentar, el puesto de rodillas acusando-se gravemente, affirmãdo no ser apto para tal cargo, y despues prostrado por tierra besando los pies à todos los hermanos. Esto es Rdo. en Chro. Padre, lo que, queria saber de aca, resta, q. cõ assiduos ruegos encõmiende à Nro. Sñr. estos minimos hijos de la Comp^a., para q. podamos conoscer, y perfectamente cumplir su Sacratissima voluntad. Del Collegio de Jeú de S. Vte. año de 1560 al primero de Junio.

Minimo de la Comp^a. de Jsú — *Joseph.*

INDICE

INTRODUÇÃO.....	3
BIBLIOGRAPHIA.....	7
VIDA DE ANCHIETA.....	19
SÃO VICENTE EM 1553.....	31
FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO.....	37
ANCHIETA PROFESSOR E DRAMATURGO.....	43
RAMALHO E OS JESUITAS.....	49
TAMOIOS E FRANCEZES.....	55
NA DIRECÇÃO DAS CASAS DE SÃO VICENTE.....	65
AS ULTIMAS VISITAS DE 79 85 E 94.....	73
APPENSO — (Trecho de uma carta de Anchieta ao geral Lainez)	83

INDICE

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1929